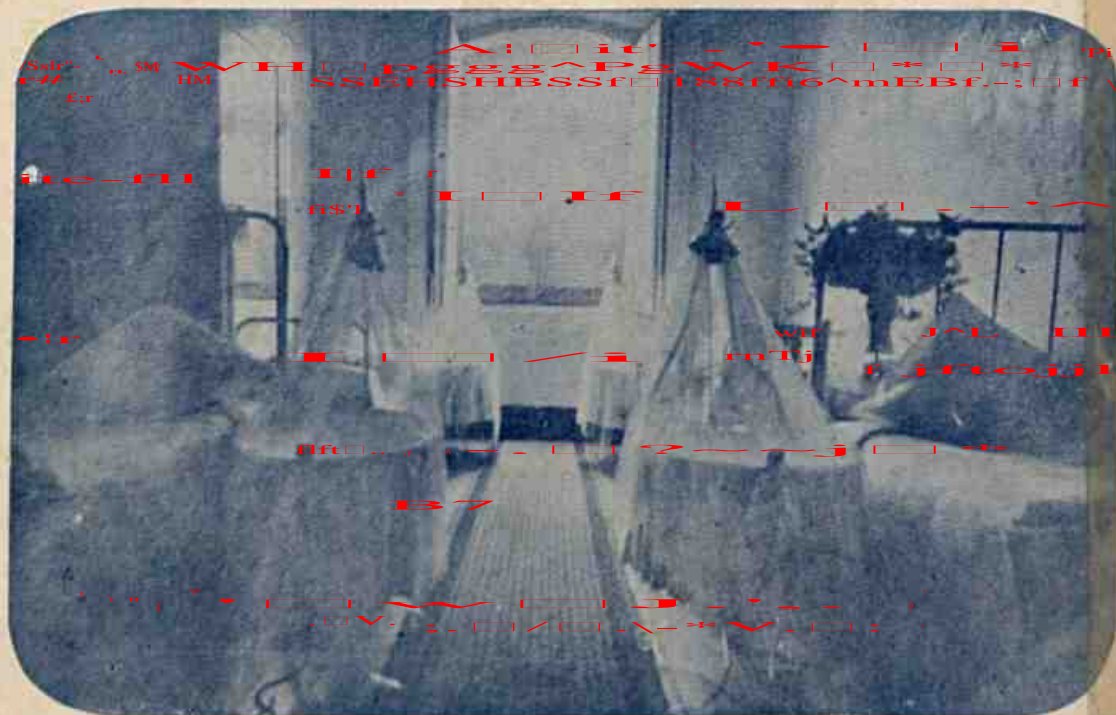
Fon Fon
ANNO XXVII — N.º 5
Rio, 4 de Fevereiro de 1933
PREÇO: 1$000

Para que soffrer?

Que adeanta gemer com dôres nos quadris e lastimar o mau funccionamento dos rins? Para combater desordens urinarias, rheumatismo, inflammação na bexiga, dôres de cabeça, o mais sensato é procurar logo o remedio. O povo já consagrou as Pilulas de Foster como o remedio para esse fim! Esse é o meio seguro de evitar quaesquer enfermidades dos rins e da bexiga.

PARA OS RINS
E A BEXIGA

PILULAS DE FOSTER

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

R. Aristides Lobo 115 - Tel. 2-1266

O conto brasileiro

DESTRUIÇÃO DE TROIA

De RIBEIRO COUTO

OS meninos da rua D. Luiza Macuco, quando iam para a escola, passavam ressabiados pela avenida Conselheiro Nebias. A meninada da avenida Conselheiro Nebias tinha raiva da rua D. Luiza Macuco. (Nós diziamos, com desdém: a molecada da avenida Conselheiro Nebias. Elles diziam, com a mesma intenção insultuosa: a molecada da rua D. Luiza Macuco).

* * *

Nesse tempo, a juncção das duas ruas era deserta, sem casas. Só do outro lado da avenida é que existia uma grande chacara e um armazem de seccos e molhados. Do lado de cá eram capinzaes. Nós sabiamos que um dia seriamos aggredidos naquella esquina, do lado de cá.

Quem apanhou foi o Luiz, um pequeno sardento, molle, zarolho, de quem nós todos caçoavamos, exclamando para elle, com allusão ao olho vesgo: "Piloto, o navio vae torto!"

Tres meninos da avenida Conselheiro Nebias, num dia de chuva, quando todos tinhamos pegado o bonde e só o Luiz teimára em ir a pé, pelo gosto de patinhar na lama, surgiram á traição, de traz de um muro:

— Grite viva a avenida Conselheiro Nebias!

Agarraram-no pela blusa. Luiz sentiu um assomo de orgulho localista. Não era possivel renegar a rua D. Luiza Macuco.

— Grite viva a avenida Conselheiro Nebias! Ou então... olhe aqui...

Um delles puxou de um canivetinho. Em soluços, Luiz rouquejou:

RIBEIRO COUTO, o victorioso romancista de "Cabocla", tão justamente consagrado pela critica, tem no prelo um novo livro — "Club das Esposas Enganadas", que sahirá por todo este mez, para constituir, sem duvida, um novo successo literario da arte e do espirito desse fascinante estylista brasileiro. E' do "Club das Esposas Enganadas" a pagina que aqui offerecemos ao bom gosto dos leitores de FON-FON.

— Viva... a... aveni... da... Conselheiro Nebias.

Então, enardecidos pela victoria, os tres cahiram de tapas em cima do outro, fraco e sem defesa.

Bondes que passavam, puxados a burros, tinham as cortinas de lona descidas, para proteger os passageiros contra as rajadas de chuva. Não havia viv'alma que pudesse ir em soccorro do aggredido. Ninguem viu o drama.

Elle voltou para casa com os livros sujos de lama, a calça rasgada e uma arranhadura no nariz.

A mãe era brava:

— Como é que você ficou nesse estado?

E armou as mãos na cintura, em aza de pote.

— Foi a avenida Conselheiro Nebias.

A corrêa, sempre dependurada detraz de uma porta, assobiou no ar e cahiu sobre o desgraçado piloto:

— Tome, para não se metter em brigas de moleques!

* * *

O conselho da rua D. Luiza Macuco ouviu apprehensivo a historia lamentavel. Sem duvida, era urgente organizar a vingança. Juca Moreira, o chefe, tinha achado uma prata de mil réis e comprára um canivete grande, bom, marca Roger. Olhámos excitados a lamina larga, verificámos com orgulho a marca e tivemos, unanimemente, a sensação da justiça infallivel: o canivete do Juca Moreira ia fazer justiça.

* * *

Eramos uns doze ou quinze, ricos e pobres, uns vestidos com bôas roupas, outros de camizinha de chita e suspensorio de tira de panno.

Todos vibravamos de amôr pela rua D. Luiza Macuco.

A patria estava ferida... Na fronteira, uma guarnição soffrêra vexame... A guerra estava implicitamente declarada.

Nenhum de nós ouvira falar da malicia dos heróes de Homero. Eramos como elles, entretanto.

O estratagema da rua D. Luiza Macuco foi um balão, que devia ser solto um pouco além da casa do Luiz — a ultima da rua, na direcção da avenida Conselheiro Nebias, já perto dos capinzaes.

A noticia de que estavamos fazendo "um bruto" "Santos Dumont" espalhou-se e encheu de emoção a meninada da avenida. Não era S. João. Por que aquelle balão? Por orgulho, para mostrar prestigio e dinheiro, para humilhar, de fórma deslumbrante, a avenida Conselheiro Nebias — onde os outros não eram capazes daquella ostentação fóra de tempo?

Constava que o balão estava sendo feito no porão da casa do

(Continúa na pag. seguinte)

Juca Moreira e houve um menino sem-vergonha, da avenida, que veiu pedir para vêr. Foi rechassado, como um espião.

Na noite do balão — que nenhuma daquellas mães da rua D. Luiza Macaco podia comprehender, pois realmente as festas de S. João estavam ainda muito longe — tudo se passou como previra o genio militar de Juca Moreira."

A meninada da avenida, na hora em que principiámos a fazer a fogueira para soltar o "Santos Dumont", veiu vindo, veiu vindo, veiu formando lentamente em torno de nós um circulo de curiosidade hesitante, numa acanhada proposta de paz. Nós não davamos confiança, não queriamos saber de prosa, mas tambem não repelliamos.

O "Santos Dumont" foi trazido, carregado pelas pontas como uma rêde de papel de sêda. Cada um de nós tomou um logar em roda

DESTRUIÇÃO DE TROIA

(Continuação)

da fogueira, com bambús para suster as extremidades. Juca Moreira, de cócoras, com um abanador de cozinha, encheu o balão. Depois, por sobre a fogueira, o ar que estava lá dentro foi aquecido. E emfim a mécha foi accesa, pingando gottas azues de breu incandescente...

O "Santos Dumont" subiu, entre acclamações, na direcção do mar, com uma segurança que era linda de vêr.

E foi quando o bambú cantou. Num instante, os dois grupos eram uma só embolada, na confusão do ataque imprevisto. A avenida fraquejou desde logo e os que puderam sahiram a correr; os mais energicos, catando pedras, atarantados, tentaram reagir, mas as pedradas tanto podiam ferir os inimigos como os proprios companheiros. Emquanto isso, os bambús rodopiavam e cahiam sobre a tribu adversa. Até que um grito ecoou: comprehendi immediatamente que fôra o canivete de Juca Moreira que entrára em scena.

A rua, naquellas immediações dos capinzaes da esquina, era escura. Os raros lampeões allumiavam mal e o clarão provisorio da fogueira extinguira-se após a partida do balão.

No emtanto, um sujeito passou que interveiu em brados energicos, com um guarda-chuva na mão. Outros protestarios vieram chegando, envolvendo o campo de batalha, e as exhortações eram insistentes, mas inuteis. Os bambús se abatiam implacaveis.

Subito, um dos passantes puxou de um apito — o apito de chamar a policia. O trilo longo e tremido rolou pela rua, ganhou as salas de jantar distantes em que as familias conversavam tranquillas.

TECE, ARANHA DO MEU CÉU!

Noite serena e clara. A lua, mansa,
vae, lentamente, deslisando pelo céu
como uma vela branca,
pequenina, arredondada,
muito branca...
Branca aranha de prata trama a trança,
trança, de luar, um transparente véu.

E vae, assim correndo a noite clara!
E a lua, branca
vaporosa,
muito branca,
pelo azul do céu boiando, mansamente,
silenciosa,
enlevada,
na fina trama alva do luar
o lago azul, dormente,
transparente
como a luz do teu olhar!

Como a luz do teu olhar,
de monja triste, minha amada,
é a luz da lua mansa!
Tece, aranha do meu céu,
meu céu de sonho,
o teu transparente véu!
Tece a trama delicada
da mortalha prateada
do meu sonho que morreu.

MANOEL M. GRALHA

nas cadeiras de balanço, sem saber da luta que se desenrolava na esquina.

Nos portões e nas janellas surgiram cabeças curiosas. A' porta da venda, do outro lado da avenida, os caixeiros appareceram assustados — e o que toda gente viu foi o foge-foge de sombras espavoridas, logo engolidas pela escuridão do capinzal.

A batalha estava acabada.

No meio da rua, erguidos pelos curiosos, dois meninos da avenida Conselheiro Nebias choravam alto, com a cabeça quebrada. E um outro, mais longe, em soluços, batia em retirada arrastando uma perna — a perna em que funccionára o canivete Roger de Juca Moreira.

* * *

Cynicos, bomzinhos, todos nós chegámos em casa com o ar de quem não sabe de nada. A todas as perguntas das nossas mães inquietas e indignadas com o boato

DESTRUIÇÃO DE TROIA
(Conclusão)

da batalha, uma unica resposta era opposta:

— Eu não estava, eu não vi.

* * *

No dia seguinte, de manhã cêdo, sem que nenhum encontro tivesse sido marcado, achámo-nos reunidos na praia (A rua D. Luiza Macuco ia dar no mar, numa praia de lama com um casco enferrujado de barcaça a servir de refugio ás baratinhas dagua salgada. Logar bom de conspirar...)

Tinhamos cochichos fungados, cumplices, com medo de que o proprio vento do mar nos trahisse e fôsse contar as nossas palavras...

Um no ouvido do outro, diziamos apenas:

— Houve melado — e sacudiamos risinhos de satisfação feroz e alliviada.

Melado, na gyria, queria dizer: sangue.

* * *

Nunca mais a avenida Conselheiro Nebias se metteu com a rua D. Luiza Macuco. Nunca mais nenhum de nós foi esperado nas immediações, outrora perigosas, dos capinzaes da esquina.

A rua D. Luiza Macuco firmára o prestigio.

Podiamos entregar-nos a todos os nossos trabalhos (fabricação de galoias de passarinhos, pesca de siris na praia e caça de saracuras nos brejos) e a todos os nossos divertimentos (barra-manteiga, sella, amarellinha) sem que tivessemos de soffrer provocações e surtidas inimigas. Principalmente, podiamos empinar papagaios, com linha, sem que os da avenida Conselheiro Nebias os laçassem com outros mais fortes, do barbante de novello.

A guerra implantára a paz.

Troia estava destruida.

Iniciavamo-nos, sem saber, na sabedoria das nações.

AIRWAYS SYSTEM

"Não vês?... — A vida agora é mais prosaica.
Declarações de amor não se usam mais,
Na velha fórma antiga e tão arcaica,
Como faziam antes nossos paes.

Tem graça!... Tú, em curvatura hebraica...
Isto lembra as tolices que o Moraes
A mim dizia outr'ora, na Jamaica,
Calido assim, aos pés da sua Thais...

Detesto os circumloquios amorosos,
Porque são quasi sempre mentirosos,
Fugindo dos limites da questão.

As juras que eu desejo e são mais praticas
Dispensam attitudes acrobaticas,
Por um vôo feliz, em direcção..."

F. MURAT

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

UM DESAPPARECIMENTO MYSTERIOSO

De Bernard Gervaise

O que primeiro attrahiu a attenção publica, sobre o desapparecimento de Gaviota, foi a insólita quantidade de garrafas de leite que se amontoavam na porta de sua casa.

Todos os dias, o leiteiro lhe levava uma garrafa contendo meio litro de leite, segundo as condições de um velho tratado estabelecido entre elles. Pois bem: um bello dia, os vizinhos viram que desde muito tempo esses meios litros ficavam na porta, sem que ninguem lhes tocasse.

Um espirito engenhoso e perspicaz teve a idéa de contál-os, e achou que eram vinte e trez, de onde se poude deduzir que fazia vinte e tres dias que Gaviota havia desapparecido.

A conclusão foi plenamente confirmada, pouco depois, por outro vizinho, que, estimulado pelo éxito do primeiro, contou, por sua vez, os pães de um kilo, que formavam um monte deante do conjuncto de garrafas: eram tambem vinte e trez.

Si se juntar a esses primeiros indicios o facto de terem sido encontrados vinte e trez numeros atrazados de um diario matutino, se comprehende de que modo se arraigou nos vizinhos a convicção de que devia ter occorrido alguma desgraça a Gaviota.

Sobre a natureza da desgraça as opiniões estavam muito divididas: alguns acreditavam no assassinio, outros no suicidio. Como não era possivel permanecer eternamente nessa incerteza desconcertante, se deu parte á policia. Esta veiu sob a fórma de um commissario e um serralheiro, que, armado com os utensilios de um ladrão qualquer depressa fez saltar a fechadura. Os presentes penetraram no appartamento, convencidos de que, mal transpuzessem os humbraes da sala de entrada, penetrariam nos dominios do horrivel. Mas tal não se deu. Na sala de jantar tiveram a primeira decepção: Gaviota não estava ali, como era de esperar, com um metro e cincoento de lingua de fóra da bôcca.

Nem se encontrava tambem em seu dormitorio, afogado entre dois colchões. Nem no quarto de vestir, com uma navalha de barbear cravada na garganta. Nem ainda na cozinha, onde os partidarios da asphyxia esperavam vêl-o preso a um cano de gaz. Em vão se olhou em baixo dos moveis, se bateu no soalho, se sondou a espessura das paredes e até se olhou pela janella, com a vaga esperança de vêl-o extendido ao pé das mesmas. Gaviota não appareceu em parte alguma.

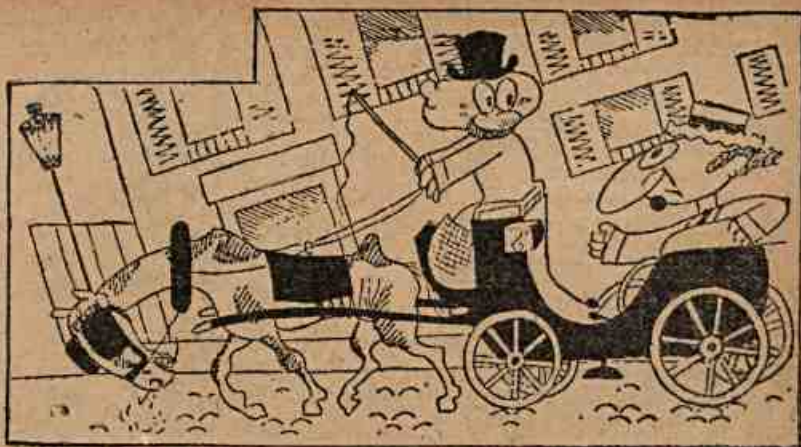
Então, as pesquizas abrangeram um raio mais extenso e não ficou recanto sem ser revistado.

Deu-se busca no subterraneo, em baixo dos bancos das praças, entre os ramos das arvores copadas, nas jaulas do zoologico, e até nos theatrinhos de variedades, para ver si o haviam pescado para "grande phenomeno natural e desopilante! Um phoca que se parece com um homem, que fuma e tem callos nos pés!" E nada! Mysterio inescrutavel.

Então as pesquizas adquiriram maiores proporções, e se procurou Gaviota no estrangeiro. Houve enviados especiaes, commissionados *linces*, se appellou pelo telegrapho para a sciencia de todos os Sherlock Holmes, Nick Carters e todos os do bando policial. Dessa vez nenhum delles encontrou um chronista que sublinhasse com varias linhas finaes e admirativas as historias mais ou menos possiveis de suas pesquizas. Gaviota parecia ter-se volatilizado.

Alguns espiritas fizeram experiencias procurando provar a desintegração das molléculas infinitesimaes. Os crédulos acreditaram firmemente no caracter sobrenatural do desapparecimento. Alguns até disseram que tinham visto Gaviota roubar a vassoura de um varredor da rua para subir aos espaços azúes...

Os scépticos julgaram tambem que Gaviota havia voado, de maneira diversa, com os bolsos bem repletos de notas e nickeis... Isso não passou de rumores. A verdade não brilhava em parte alguma. Como tudo resultasse infructifero, a policia decidiu deitar por terra o caso, já que não podia fazel-o com o corpo de Gaviota.

E só depois de quasi quatorze annos se veiu a esclarecer esse conflicto, que não tinha nada de mysterioso, mas que, pelo contrario, era muito natural, e assim foi comprehendido quando se viu Gaviota sahir do gabinete onde se achava installado o telephone, radiante de alegria por ter obtido uma ligação...

— Não pódes andar mais depressa?
— Sim; mas não posso abandonar o cavallo.

REGINA COUTO (S. Paulo) — A sua cartinha é dessas que só me causam orgulho.

Alguem dirá que a sua divulgação exprimirá cabotinismo da minha parte. Mas si ella reflecte um acto de justiça, a favor da minha obscura pessôa?

Vejamos o que v. ex. me escreve:

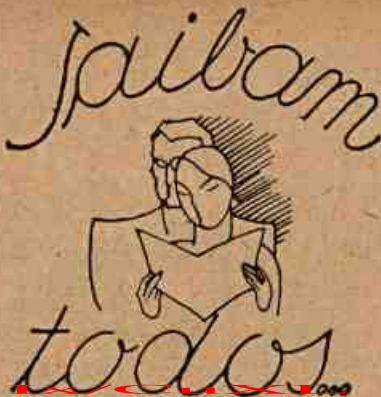
"Presado Snr. Yves. Saúdo-o. Depois de receber innumeros applausos, pelo sucesso alcançado, com "Uma Garçonne Carioca", não irá admirar-se de mais uma manifestação de agrado pelo seu livro, um bello trabalho, digno de elogios. Admiro-me, pessoas preparadas, o julgarem immoral.

Será immoral para pessoas que procuram a immoralidade em todas as cousas. Mas, para quem procurar nelle, a parte boa, isto é o alvo do autor, ha, de por força achal-o moral.

Os que lhe fizeram, guerra, decididamente, são despeitados que invejam a admiração que nos causou a sua obra. Já havia lido o seu romance, sem suspeitar siquer que o illustre Bastos Portella, o poeta de "O Melhor Beijo", fosse o querido e ironico Yves, a quem admiro e anciosamente procuro nas paginas do Fon-Fon, ha bastante tempo. Mais uma vez, os meus parabens e peço que me perdoe, por tomar-lhe tempo, a dizer-lhe o que já sabe ha muito (tempo).

Peço por obsequio informar-me onde poderei encontrar, o romance "Reviver" de Didi Caillet. Peço responder para o nome que assigno.

Os meus sinceros agradecimentos. — *Regina Couto.*"

Obrigado pela sua defeza expontanea. E quanto ao romance de Didi Caillet, v. ex. o encontrará nas livrarias desta capital, inclusive a Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

"Presado Snr. Yves. Saudações. Incluso envio-lhe uns modestos rabiscos "Os meus tres beijos" para, se forem merecedores, serem publicados em sua conceituada revista Fon-Fon.

Aguardando suas estimadas ordens aqui fico ao inteiro dispor de V. S. Amo. Attº. Obrgº. — *José Antonio da Costa.*"

Agora, vamos á belleza dos versos...

OS MEUS TRES BEIJOS

"O meu primeiro beijo foi ingenuo,
indifferente, rapido e gentil,
foi dado n'uа menina angelical,
foi dado numas faces de coral!...
— foi o meu beijo infantil!!..."

"O segundo foi longo, demorado,
foi nuns labios rosados, cativantes,
duma donzela linda... muito linda...
cuja lembrança, em mim, não mais
[se finda...
— foi o meu beijo de amante!..."

"O terceiro, o meu beijo derradeiro
— que foi dado de dor e coração —
foi quando, num sudario, tu par
[tiste
para as regiões etereas — foi o
[triste
beijo da separação!..."

O sr. se squeceu de contar a historia do 4.º beijo... E' porque, certamente, não foi o sr. quem o deu, mas sim, a sua poesia, — na bocca larga da "cesta"...

Creia que teve um pessimo gosto, caro e notavel doutor...

CAMELIA (S. Paulo) — Nem um typo, nem outro.

Respondo com o bello verso de Verlaine:

Est-elle brune, blonde ou rousse?
[Je l'ignore.

Sim. O typo é secundario, creio eu. O que encanta, na mulher, é o espirito.

Começamos a gostar della pelas idéas, pela intelligencia. Si ella é um espirito fascinante, é claro que nos impressiona e leva a pensar nella, com interesse. Inicia-se o flirt.

Depois, com a aproximação, verificada a affinidade de espirito, entramos a observal-a melhor. Estudamos-lhe a alma, e os predicados que nella se escondem: a ternura, a bondade, o grau de dedicação, a força de affectividade.

Só depois dessas phases é que nos damos conta de que ella é loura ou morena, graciosa e viva, franzina ou gorda.

Eu adoro as morenas franzinas de olhos grandes e redondos. Mas si encontrar uma loura gorda, — com muito espirito — mais espirito do que a morena — é evidente que só me aperceberei da differença de typos, quando houver estudado e confrontado as duas, intellectualmente.

Si fosse apenas o typo que influisse em nossas preferencias amorosas, as feias intelligentes não seriam amadas.

Essa, a minha opinião. Mas, falo como artista, como intellectual.

JOSE' ANTONIO DA COSTA (?) — O dia hoje não me vae correndo bem. Entre outros desastres, só me tenho encontrado com maus poetas.

Oh, os maus poetas!

Dão a idéa de certas hervas daninhas que invadem os canteiros de rosas: quanto mais as combatemos, mais ellas nascem.

Aqui está um poeta de versos deploraveis.

Leiamos a sua missiva:

Certamente, o meu padeiro terá a sua opinião; e é possivel que não combine com a minha.

Relativamente á graphologia, devo accentuar o seguinte: só faço estudos dessa natureza para pessoas das minhas relações ou que me procurem pessoalmente.

O meu telephone é o mesmo do Fon-Fon: 2-4136. De 10 ás 11 e de 2 ás 5.

J. DO ARTE (Piauhy) — Olá! O Piauhy, a terra

do "meu boi morreu", nos dá agora um literato... Esse literato é o sr. J. Do Arte.

O Piauhy deu o Berilo Neves. Mas não é muito fértil em talentos de primeira agua...

Ainda bem que surge, neste claro mez de janeiro, a insigne figura do sr. J. do Arte...

Mas que nos diz o sr?

Vejamos:

"Caro Snr. Yves. Respeitosos cumprimentos. Sempre que tomo "Fon-Fon para ler, o "Saibam Todos" is the first thing". E' que aprecio immensamente aquellas respostas, na altura, e mesmo tenho em Yves um professor, isto é, já fui director de um jornal juvenil e, inspirado no "Saibam Todos", criei uma "cesta". E, como uma pequena lição ao Mestre, junto as apreciações que fiz sobre alguns artigos mandados ao referido jornal, que julguei dignos da "cesta".

Mas o fi mprincipal desta é juntar-lhe um pequeno quadro imaginado por mim, passado em prosa. Elle é despretencioso. Desejo, apenas, sua opinião pelo "Saibam Ttodos". Se servir, diga se devo mandar mais, se não... paciencia.

Só lhe afirmo uma cousa, Snr. Yves, não faço versos.

Sinceramente grato pela consideração que dispensar a esta subscrevo attenciosamente.

Do alumno e amigo,"

Dou aqui a amostra do espirito critico do sr. J. do Arte:

O CESTO DA "FLAMULA"

Levamos ao conhecimento dos nossos distinctos leitores e leitoras, que "Flamula" aceita colaborações que, depois de criticadas, serão publicadas, ou atiradas ao "cesto", do que damos noticia por estas columnas, do seguinte modo:

GENTERLTAIS — *Capital — Recebemos o "Leilão Sapeca". Es tá bonzinho, porém já publicamos identicos. Escreva esmpre.*

JOSE' ATENIENSE — *Maranhão — Temos em nossa banca de trabalho o seu soneto "Recordando o Passado". Bom. Será publicado opportunamente.*

A obra a que se refere o sr. é a que aqui vae, sem a alteração de uma virgula:

QUADRO

A Expiração

Pallido, arquejante e cadaverico estorce mansamente no leito amigo, um ancião de semblante patriarchal, velado por sua familia, e amigos de longos annos.

Tudo é tristeza e silencio.

Ouve-se, apenas, o sussurrar dos labios d'algumas senhoras, que oram fervorosamente pelo restabelecimento ou gloria eterna do enfermo.

Agora, um gemido longo e funebre desperta aquella monotonia tocante.

O velho, com um esforço supremo, tenta levantar-se, mas, sòmente a cabeça consegue desapoiar do travesseiro. Quer falar. Todos o rodeiam, mas a morte desfecha seu golpe certeiro e o velho, soltando o ultimo suspiro e cerrando os olhos, cae para sempre, gelido e imovel.

Sua esposa, enxugando as lagrimas, que, copiosamente, lhe caem pela face livida, acompanhada por suas filhas, que choram sob o peso da orphandade, beijam-lhe a testa fria, demorada e comovidamente...

* * *

No ceu, d ecento, abriram-se todas as portas e os anjos entoaram hymnos festivos, pois morrêra um justo, um homem que, em vida, vivera sempre ao lado de Deus e do Bem.

Mas, francamente, o sr. suppõe que o *Fon-Fon* é "jornal juvenil?"

ANOAR SHAMMASS (S. Paulo) — "Uma garçonne carioca" e "O Suave Enlevo" estão á venda na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. O primeiro, custa 6$000; o segundo, 4$000, senhor.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 4-2-933

Data da consulta...................

Nome do consulente...................

....

Chuva de pedras

De Gidenor de Medeiros

A opulencia é a miseria engrandecida...

* * *

A Moral não é propriedade de quem a alardeia, mas de quem a possúe e a não propala.

* * *

A virtude não dignifica a ninguem, mas a maneira de agir...

* * *

Não é a submissão que faz a subserviencia, mas a maneira por que o individuo se deixa manejar no captiveiro.

* * *

A virtude, como vangloria, é o mesmo que o crime blasonado...

* * *

Um homem que não lê e uma mulher que não pensa estão fadados a uma ascensão rapida. A ignorancia leva o homem a não ver o ridiculo a que se expõe e a mulher diz tolices que, aos ouvidos, dos estupidos passam por ter espirito...

* * *

A virtude do pobre não está em ser honesto, mas no saber jogar a honestidade...

* * *

O homem só se desmoraliza quando quer: é só evitar o escandalo...

* * *

"Valor, (dizia-me um profundo philosopho, cuja cultura não ultrapassou as columnas do diario que lê, religiosamente, todas as manhãs) valor não existe. O que ha é pretensão de uns, engrandecida pela ignorancia dos demais." Profundo, não é?

* * *

Jehovah, ao distribuir a intelligencia, foi muito prodigo, mas as mulheres, como sempre acontece, foram retardatarias...

* * *

O homem exemplar é aquelle que, intelligentemente, sabe esconder os seus defeitos...

Seara alheia

Alegra-te!

Se és pequeno, alegra-te, porque serves de contraste a outros seres no universo; porque essa pequenez constitue a razão essencial de muita grandeza! Porque, os que são grandes, para ser grandes era necessario que fosses pequeno, como a montanha que, para culminar, para vencer as alturas precisa apoiar-se, firmar-se sobre collinas, sobre cerros, sobre lombadas.

Se és grande, tambem te alegres, porque o inevitavel se manifestou em ti de maneira excelsa. E fez-te um exito do Artista eterno.

Se és são, se és sadio, alegra-te, porque, em ti, as forças da Natureza chegaram á ponderação e á harmonia.

Se és enfermo, rejubila-te, tambem tu, porque lutam em teu organismo forças contrarias que talvez buscam uma resultante de belleza... Porque, em ti, se manifesta e ensaia essa divina alchimista que se chama a Dôr.

Se és rico, alegra-te, por toda a força que o Destino concentrou nas tuas mãos para que a diffundas.

Se és pobre, alegra-te, porque tuas azas serão mais leves; porque a vida te sujeitará menos; porque o Pae realizará em ti, mais directamente que no rico, o suave milagre periodico do pão quotidiano.

Alegra-te, tambem, se amas, porque és mais semelhante a Deus que os demais.

Alegra-te, ainda mais, se és tambem amado, porque ha nisto uma predestinação maravilhosa.

Alegra-te, se és pequeno; alegra-te, se és grande; alegra-te, se tens saúde; alegra-te, se a perdeste; alegra-te, se és rico; alegra-te, se és pobre; se te amam, alegra-te, e alegra-te se amas... Alegra-te, emfim, sempre, sempre, sempre! — AMADO NERVO.

Modos de pensar

Dizem que ha homens bons e homens máus. Não é verdade. Os homens são bons e máus ao mesmo tempo. O que ha é que são bons para uns e máus para outros.

* * *

Vendo quanto fazem as mulheres para chamar nossa attenção, estou convencido de que é uma grande cousa ser homem. — JOSÉ M. BRANA.

— Sentirias alguma satisfação em emprestar cem mil reis a um amigo?

— Certamente! O peor é que eu não tenho um só amigo no mundo.

O "IRMÃO SIAMÊS"

— CONTA tua historia!... Escreve a novella de tua vida!...

Realmente, é difficil imaginar existencia mais interessante que a minha quando eu era ainda um dos *irmãos siamezes.*

E tendo em conta isto: que si ser *siamês* é um phenomeno raro, mais estranho ainda é tel-o sido ou, melhor, já não sêl-o depois de vinte e quatro annos de união pélvica. E' poder dizer: "Eu fui *siamês,* sim... Mas agora sou um individuo autônomo e conservo uma fraca recordação dos annos passados, tão fraca como a membrana que me ligava a meu aborrecido irmão e que tornou célebre o cirurgião que a cortou.

* * *

Ai de mim!... Logo que me transformei em um homem vulgar, sou acossado por toda parte.

— Conta tua historia!... Escreve a novella de tua vida!...

Póde haver coisa mais attrahente que a autobiographia de um ex-*irmão siamês?*... Quem poderá jactar-se de a ter lido alguma vez?... Seria originalissimo. Porque, si alguem descreveu a vida, tão grotesca e tão monótona, dos *irmãos siamezes,* ninguem imaginou o caso do que já não o é...

Pois bem. Decido-me a explicar publicamente por que não escreverei a novella feliz do meu passado, e então creio que me deixarão em paz.

Tambem meu empresario me censurava sempre:

— Que loucura separar-se de seu irmão, destruindo, com essa louca operação cirurgica, uma sociedade tão proveitosa!... Desligar-se de um companheiro com quem sempre ganhou milhões!...

E eu respondi:

— Que importa?... Sou tão rico, tão vergonhosamente rico!

E elle, implacavel:

— Nunca se é rico de mais.

E eu:

— Sim. Tambem a riqueza tem seu pudor.

Devo dizer que foi tal a alegria da separação naquelle dia memoravel, que meu irmão e eu resolvemos não nos tornar a ver, e collocar o oceano entre nós. Dentro de pouco tempo ia elle para a America do Norte.

De Luis Antonelli

enquanto eu permanecia na Italia. Uma manhã, passeando pelo parque de minha residencia — essa sumptuosa *villa* que é o fructo de vinte annos de exhibição em todos os theatros do mundo, — cahi ao chão, desmaiado.

Os criados soccorreram-me, procurando reanimar-me, e eu fui conduzido a meus aposentos.

No dia seguinte, chegou um telegramma annunciando a morte de meu irmão, que, coisa estranha, havia exhalado o ultimo suspiro á mesma hora em que eu cahiria desmaiado.

Quando pude abandonar o leito, tive a vaga sensação de que alguma coisa estranha se operava em mim, transformando minha personalidade. Isso foi notado até pelas pessôas que me rodeavam.

Como explicar tão imprevista mudança de idéas, de tendencias e até de gestos? Consultei medicos especialistas, e todos estiveram de accordo em attribuir tal phenomeno á commoção provocada pela quéda. Mas, que quéda?... No parque, minha cabeça havia tocado na relva macia, ao cahir eu desmaiára, sem que isso me causasse o menor mal.

Então?

* * *

Um dia, tive, de repente, a revelação do mysterio. Achava-me no terraço, tomando café. Mecanicamente, tirei do assucareiro tres, quatro torrões de assucar. Mexi o liquido com a colherzinha, e começava a saboreál-o com volupia, quando se gelou o sangue em minhas veias. Como num relampago, recordei que meu irmão tomava o café muito doce e eu completamente amargo!

Desde esse momento, submetti a um rigoroso exame todos os meus pensamentos, gestos e movimentos, chegando a esta espantosa conclusão: que havia herdado os gestos, os pensamentos e os habitos de meu irmão!

Sua alma, depois da morte viéra alojar-se em mim. Ou antes, eu sentia que se integrava em meu corpo aquella alma complexa que antes se dividira entre os dois.

A revelação foi horrivel. Os sentimentos que eu abrigára sempre para com meu irmão eram de odio e desprezo. Embora estivessemos unidos por uma membrana e fossemos tão parecidos que nos confundiam um verdadeiro abysmo nos separava moralmente. A desunião entre nós era tão profunda, que, si os homens não nos houvessem separado cirurgicamente, teriamos acabado matando-nos, mesmo sabendo que a morte de um teria como resultado a morte do outro.

Transcorreram as horas sem que nos dirigissemos a palavra. A indissolubilidade physica, de que não esperavamos livrar-nos, provocava em nós violentas crises de desespero. E quantas lagrimas devorei em silencio!

Considerar-me-ia feliz si gostasse de meu irmão, o mais *irmão* de quantos pudessem sêl-o no mundo, ligado a minhas veias, a minha respiração. No emtanto... Posso assegurar que não ha nada comparavel á ferocidade que torturava nossos corpos tão estreitamente unidos.

* * *

Comprehendeis agora meu terror ao verificar que a alma de meu irmão vae entrando em mim?

Si tudo o que eu odiava nelle

(*Continúa na pag. seguinte*)

vem para meu ser, que occorrerá quando toda minha consciencia estiver contaminada?

Até quando abrigarei o *outro?*... Qual dos dois vencerá impondo-se de modo definitivo?

Oh!... Que claridade havia antes em minha alma! Eu vagava pelo mundo com um coração simples, limpo. Até quando me apresentava ao publico nos barracões do Marila ou nos scenarios dos luxuosos theatros norte-americanos encontrava em mim a independencia necessaria para a defesa. A propria curiosidade bestial da multidão não chegava a incommodar-me, emquanto minha humildade caminhava com passos de innocencia. Nelle encontrava seguro refugio e quasi um prazer.

O "Irmão Siamês"

(Conclusão)

E depois, quando conquistei a liberdade, que alada leveza em minha alma!...

* * *

Mas agora estou novamente preso, e sem poder defender-me. Captivo sem innocencia, uma especie de escravo sem destino. Annullado por completo...

E si conseguisse dominar o *outro*, poderia destruil-o? Não estarei dando agazalho a um inimigo sempre á espreita, que me obrigará a commetter as peores villanias?

Não acabarei sendo, afinal, seu cúmplice, ou me transformarei definitivamente no *outro?*

Quem poude imaginar algum dia tão monstruoso saque á alma de um homem?

E ainda me chegam insinuações:

— Escreve a novella de tua vida... Narra a historia de teus dias, quando eras irmão *siamês*... Será uma obra estranha, interessante, originalissima...

Mas creio que, depois desta confissão, ninguem se atreverá a pedir-me semelhante coisa. Para escrever minha novella, teria que possuir meu coração de outr'ora...

O drama, meu verdadeiro drama, começa agora.

NOTAS DE ARTE

BURLETA OU REVISTA, DE GILDA ABREU. — Foram duas horas de encantado convivio com varias manifestações da arte lyrico-dramatica, as que passámos assistindo ao espectaculo que nos proporcionou a srta. Gilda Abreu, applaudida cantora patricia, com o que chamou *burleta* em 3 actos e denominou *O. K.*, a conhecida e popular exclamação estadunidense, e foi representada no Theatro João Caetano, em a noite de lunedia, 2ª-f., 23 de janeiro.

Não nos parece apropriada a denominação. *O K* não é uma comedia ou farça musicada que me recesse o nome de *burleta*, mas antes uma *revista*, não no sentido commum — peça comica dos acontecimentos do anno — mas como representação de successivos quadros de musica, poesia e dança.

Seja como for, burleta ou revista, ou que outro nome tenha, não ha duvida de que *O K* agradou e agradou muito.

Alem da srta. Gilda Abreu, que foi o centro das attenções como autora e como interprete sobresahiram mais especialmente Jacyra A. Lima, revelando accentuada vocação dramatica; Maria Dyla Cruz, bella voz de meio soprano, que nos deliciou com dois numeros da *Carmen*, de Bizet; Zelia Souza, que justificou todos os applausos cantando *Beija-me outra vez*; Maria A. Cortez em Bob no quadro — *O poder da imaginação*, a grande pequena declamadora Regina Carneiro Luz, em varias poesias, Beduino Silva na *Valsa dos apaches* e em geral na interpretação natural de todos os personagens; e Zacharias Rego Monteiro, que foi actor excepcional, quando fez a caricatura viva da declamação de Maria Sabina. Elsa Coelho, Nenê Baroukel, Eugenia Alvaro Moreira e até da interprete sem par da Poesia, a genial Berta Singerman.

O genero do espectaculo exige ainda assignalemos não só os quadros, mas tambem as molduras. Foi de grande effeito a belleza da indumentaria e dos scenarios e mais do que isso a formosura empolgante de algumas interpretes.

Bella, bellissima noite de arte, que em todos deixou as mais agradaveis impressões.

Homenageando a todos que tomaram parte na representação, mostrando que no Brasil se pode fazer arte com elementos puramente brasileiros, registremo-lhes os nomes: Gilda Abreu, Jacyra A. Lima, Maria A. Cortez, Lucia Pires, Neide Guedes, Dyla Tavares, Nelly Guedes, Ady Pinheiro, Luis Wallace, Delia e Laura Carvalho, Regina Carneiro Luz, Sylvia Souza, Laura Neves, Nilsa Penna, Elza Penna, Theresa Gammaro, Elza Leitão, Ayrde Costa, Zelia Souza, Maria Dyla Cruz, Idalina Fragata, Zacharias Rego Monteiro, Angelo Freitas, João de Castro, Renato Peixoto, John Lupo, Americo de Castro, Heitor de Castro, Beduino Silva, Mario Moreira, Jorge Maciel Leite. E ainda Virginia S. Fiuza que fez os arranjos musicaes e Julieta Gomes de Menezes, que fez os acompanhamentos ao piano.

Não esqueçamos tambem o nome de Nicia Silva, a reputada professora de canto, que tomou parte indirecta no espectaculo, através das suas alumnas. E afinal assignalemos que para o exito do brilhante espectaculo muito contribuiu a orchestra "Jazz-Columbia" sob a direcção de Napoleão Tavares.

OSCAR D'ALVA

APPARTAMENTO

MEU coração é um appartamento. Tem quatro quartos. Aluguei trez d'elles. N'um, reside, ha muito, o sr. Dinheiro, pagando sempre os alugueis adeantados, pontualmente.

No segundo quarto, habita uma moça solteirona, dona Liberdade: vive sempre só, cantando, satisfeita, sem que ninguem se intrometta na sua vida. Ella passeia todos os dias; muitas vezes volta alta noite; e levanta-se ao meio dia nos domingos e feriados... E' original... Vae vivendo para si mesma, sem ter dividas, sem dever favôres a ninguem... e parece ser feliz.

O terceiro quarto está tomado, e o aluguel, bastante modico, é pago todos os mezes, ás vezes com atrazo, por dona Felicidade, senhora esquisita e teimosa, de cuja sanidade mental quasi duvido, porque ella mantém o quarto, mas nunca n'elle veiu morar, nem passar um só dia ou uma noite só. Emfim, ella póde ter lá as suas razões...

O quarto restante, aliás o melhor — ventriculo esquerdo — com paredes pintadas por um lindo vermelho de sangue arterial, tem um pretendente certo. Trata-se de um senhor que ficou encantado pelo compartimento. N'elle deseja morar, a todo transe. Já tive informações a seu respeito: soube que não tem posses, mas é trabalhador e esforçado.

Eu, o dono do coração, só teria vantagem em alugar tambem esse ultimo quarto, principalmente a um cavalheiro distincto como é o pretendente — o dr. Amor. Porém luto com um obstaculo consideravel: é medonha a má vontade da sra. dona Liberdade e do sr. Dinheiro, que, parecendo esta[rem] agindo de combinação, princi[piaram] a maltratar o dr. Amor desde a sua primeira visita [ao] compartimento vago. Disseram-lhe nomes feios; chamaram-n'o de la[drão], e outros epithetos que nem devo citar.

Coisa estranha e incomprehensivel, pois nem d. Liberdade nem o sr. Dinheiro conhecem o dr. Amôr; por isso, nada explica ess[a]...

Mosaicos

CURIOSIDADES LITERARIAS

Certa vez, uma senhora muito rica, que tinha a mania de pedir autographos a todos os grandes homens, apresentou-se a Anatole France, dizendo-lhe:

— Mestre, desejava apenas sua firma, aqui. Darei por ella o que pedir.

— Muito bem — replicou Anatole —; tambem, apenas, pedirei sua firma.

— Encantada, mestre... Assigne aqui, nesta folha em branco.

— Direito. E a senhora, faça favor: assigne, aqui, neste cheque.

* * *

Com excepção do alphabeto ethiope ou abyssinio, em que occupa o 13.° logar, a letra A figura sempre á cabeça dos alphabetos antigos (grego, phenicio, hebraico, etc.) assim como de todos os al...

De Mauricio Pinho

má vontade que manifestam em possuir um vizinho, que, a meu vêr, é dos mais distinctos, delicados e socegados.

Por outro lado, d. Felicidade, embora cultive algumas rixas com d. Liberdade, manifestou seus caprichos tambem, resolvendo-se a não habitar o quarto que me paga todos os mezes, emquanto os demais quartos não estejam todos occupados; essa teima de d. Felicidade faz-me crêr, até certo ponto, que nella tenha intimidades com o dr. Amôr.

Assim, tendo quatro quartos, vejo-me apenas com dois moradores, d. Liberdade e o sr. Dinheiro, creaturas que dizem e repetem que abandonarão seus respectivos aposentos logo que eu concorde em alugar o quarto restante ao dr. Amôr... E ahi está porque d. Felicidade paga o aluguel, mas nunca vem morar.

Entretanto, calculo que, mais dia, menos dia, talvez saturado de d. Liberdade e do sr. Dinheiro, eu os mandarei passear. Chamarei, incontinenti, o dr. Amôr, e avisarei d. Felicidade do acontecido.

Desconfio — e tenho muitos motivos para isso — que haja qualquer questão sentimental entre o dr. Amôr e d. Felicidade, e alimento a risonha esperança de um provavel casamento entre os dois. Portanto, si assim acontecer terei, meu coração batendo calma e compassadamente, e ainda com a probabilidade de vêr cheios, por alegres filhos do casal, os aposentos dos inquilinos despejados.

Mas... (é preciso alimentar tambem hypotheses menos sorridentes) e si, depois de despejar o sr. Dinheiro e d. Liberdade, o dr. Amôr "roer a corda" e não quizer mais ficar com o quarto? Que acontecerá? Irei chorar, talvez?...

Não. Nada haverá. Não faltarão inquilinos. O sr. Destino já me falou um dia que dona Saudade, uma senhora viuva com muitos filhinhos, anda á procura de um appartamento barato com quatro quartos. Farei um preço convidativo e... ella virá... certamente.

---

phabetos das linguas phoneticas modernas.

Com a caracteristica de aspirada, que era entre os phenicios, passou para o hebraico e para o arabe e ainda para uma parte do povo andaluz.

Seu valor de primeira vogal provem dos gregos, conservando-o os judeus.

* * *

Interpellado, certa vez, sobre os homens de genio, disse Gabriel D'Annunzio:

— O genio é um caso pathologico. Anima os homens de genio um sôpro divino. Muitos delles, porém, foram uns nescios. A grande excepção é Goethe... Na Italia conheço dois homens justamente illustres, que unem o genio á intelligencia.

O primeiro foi Leonardo de Vinci, ao mesmo tempo pintor, esculptor, architecto, mathematico, philosopho...

— E o segundo? — indagou o curioso.

Admirado de que lhe fizessem semelhante pergunta, o autor de "La Gloria" fixou seu interlocutor sem lhe responder.

Royal Briar

A SERIE DE OURO DAS PESSOAS ELEGANTES

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Pó de Arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR PERFUME

ATKINSON
LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 5

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1933

"TOUT PASSE..."

Por

BASTOS PORTELA

FOI Anatole France, o mestre da ironia piedosa, quem disse certa vez: "*En amour, il faut aux hommes des formes et des couleurs; ils veulent des images.*"

As mulheres, porém, — adeanta o pensador de "Le Jardin d'Epicure" — não desejam senão sensações.

Será que o homem é mais estheta que as doces filhas de Eva? E, evidentemente, mais platonico, mais contemplativo, mais sonhador?

A alma humana é indevassavel. E' como o fundo escuro do oceano. Byron foi quem o disse num verso que se tornou immortal.

E' claro, pois, que não vale a pena sondál-a. Seria perder tempo...

Mesmo porque, sobre a alma humana, ha tanto que se pensar e dizer...

Platão achava cinco almas diversas no homem. Num mesmo homem. Socrates, que foi o mestre de Platão, tambem acreditava na alma, mas não admittia, em cada individuo, mais de uma.

Eu creio, com Anatole, que a mulher não tem alma. E si a tem, ella é fei a, tão sómente, de sensações, de caprichos maus e desejos.

Uma das sensações mais curiosas na mulher é, de certo, vêr o homem penar. Ella o tortura como póde e quando quer.

Por que?

Por capricho, somente. Capricho que nada explica. Que nada significa. Que, até certo ponto, é incoherente e absurdo. Mas, para ella, esse capricho é tudo. E' o proprio fundo da sua alma.

Pondo em jogo, quasi sempre, a arte de concederse e negar-se, — conforme nota Simmel, — as bellas Evas perversas se comprazem em ver o homem — oh, meus pobres irmãos de sexo! — em vêr o homem erguer a mão para o alto — para colher o fructo na rama que se levanta e foge para o vizinho.

E' um bello capricho. Uma sensação excellente. Magnifica, não ha duvida...

Ingenuas, porém, que ellas são, mesmo assim.

Distrahidas com as sensações que lhes agradam, frequentemente, ellas se esquecem de uma coisa importante. E' que o fructo, com o tempo, amadurece. Amadurece e cáe, imprestavel; ás vezes, roido pelos vermes...

E quando ella dá accôrdo de si, — só tem nas mãos o galho cheio de folhas, murchas e seccas, ou sem ellas.

Então, o homem sorri com indifferença. Vae colher outro fructo mais adeante.

Não raro, verde e ácido, mau saboroso, como as pitangas e os pecegos.

E accendendo, displicentemente, o seu cigarro, elle, o homem, que fôra atormentado, dirá com serenidade e ironia: — "*Tout casse, tout passe, tout lasse...*"

A PRIMA DE FELIPPE

Mario Sette

D. Clotilde fazia um dôce de goiabas em calda quando a creada da vizinha, chegando de umas compras, lhe déra intempestivamente a noticia:

— "Seu" Felippe teve um ataque.

— Aonde, mulher de Deus?

— Ouvi dizer que foi na casa de d. Mocinha.

A expressão de angustia e de alvoroço de Clotilde transmudou-se subitamente em dolorosa impassibilidade. E, emquanto a ama, na sua brutal ignorancia, se ia embora, a pobre senhora ficou irresoluta, braços cahidos ao longo da saia, a cabeça encostada no arame do guarda-comida. "Ouvi dizer que foi na casa de d. Mocinha". A ultima phrase da mulher resoava-lhe nos ouvidos ainda e era como duas mãos que a retivessem, que não a deixassem correr para junto do marido.

Entrou-lhe de porta a dentro logo depois a comadre Nazinha. E comprehendeu pelo rosto da amiga que ella já sabia de tudo. De tudo. Porque de outra fórma não se explicaria vêl-a assim indecisa, paralyzada, quando o companheiro de muitos annos de existencia talvez estivesse agonizando, derrubado por uma apoplexia, longe do lar... O duplo golpe fôra terrivel para Clotilde.

Nazinha não teve geito de dizer nada. Foi a propria Clotilde quem falou:

— Está mal?

— Muito mal. Conversava na sala de jantar quando de repente cahiu. Um braço e uma perna mortos... O medico da Assistencia chegava lá quando eu vim chamar você.

A atribulada esposa silenciou por uns segundos; enxugou os olhos; e por fim commentou numa expressão dolorida:

— Essa mulher, nem numa hora de afflicção, se some do meu caminho...

— Na verdade... Até numa infelicidade destas!

— Já me tem feito amargar tanto e tanto em silencio. Como um carneiro... Nunca me queixei! Tranquei a bôcca para sempre. De que valia? Felippe era tão bom para mim que eu não podia dar-lhe a entender que desconfiava dessa amizade delle com a prima. Roia-me de ciumes, mas nunca tivéra uma prova, nunca! E, agora, elle vae morrer na casa della!

Num soluço:

— Vae morrer na casa della e eu não sei como me apresente alli! Não posso...

— A occasião é para perdoar, minha comadre. Você, que supportou tudo com resignação em vida, agora com a morte quer ter odios?

— Odio, não. Mas, resentimentos. Enormes. Não merecia essa sorte... Demais, sou mulher, tenho coração, tenho amor proprio. Você sabe que essa prima de Felippe não me via com bons olhos; ella não ignorava que eu tinha minhas desconfianças, que não a engulia... Afastou-se daqui; quando me encontrava na rua, era com um ar de soberbia, de triumpho... As humilhações têm limites. Ha de estar gloriosa de Felippe ter ido morrer junto della, na sua cama... Na sua cama! Nazinha, você avalie o que me custará ver meu marido alli.

— Avalio, avalio, minha negra. Porém, esse seu soffrimento terá uma recompensa de Nosso Senhor. A morte não faz vencedores nem vencidos. Bóta todo mundo no mesmo pé de tristeza, de dôr. Esqueça esses malfeitos de seu marido. Vá para junto delle. Talvez tenha "voltado", talvez chame por você. Não deixe elle se acabar na sua ausencia, não queira que elle feche os olhos sem ver a mulher a quem, apesar de tudo, quiz bem. Vamos... Mude o vestido...

Clotilde obedeceu. E emquanto enfiava um trajo de rua, monologava, repetindo coisas que Nazinha conhecia perfeitamente.

— Sempre me quiz bem, sim. Eu conhecia... Nunca teve para mim uma palavra aspera, nunca me negou nada, nunca me maltratou. Porém, aquella prima... Os modos de tratal-a, as visitas que lhe fazia, os presentes constantes, o emprego que lhe arranjou, o pagamento de aluguel da casa... Não podia esconder o amor que lhe dedicava; um affecto muito grande de mais para uma prima, comprehende? Era para fazer uma cêga desconfiar. E eu tenho vivido com o amargor dessa desconfiança, embora não tenha uma prova, verdade seja dita.

— Ha situações que não precisam de provas... Você tinha razões para soffrer, reconheço. Outras mulheres não aguentariam metade assim caladas, assim de bôa cara. Realmente, Felippe dava motivos para se falar delle com a prima. Mas, minha amiga, hoje tudo teve um fim...

— Teve!

— Quero dizer...

— Não negue. Você soltou a verdade sem querer. Diga: Felippe já morreu?

— Sim... Não posso mais negar. Você terá a coragem necessaria para saber logo de tudo: quando eu vim buscar você, elle já havia expirado. Olhe, vamos, venha commigo...

*

Um escandalo maior do que a morte de Felippe na casa da prima, do que o enterro sahindo dali, com a presença de Clotilde, arrebentou oito dias depois.

A viuva passára a morar junto com a prima do marido.

A principio, ninguém acreditou. Tomaram a coisa como pilheria, como maledicencia. Depois, entretanto, a evidencia convenceu a todos.

Lá estavam de facto as duas sob o mesmo tecto, amigas, agarradas, intimas, chorando ambas defronte de um retrato ampliação do defunto.

A creada se encarregava de espalhar pela vizinhança os pormenores.

— Uma sem-vergonhice nunca vista!

— Nunca pensei que Clotilde tivesse esse estomago!

— Eu não boto mais meus pés lá.

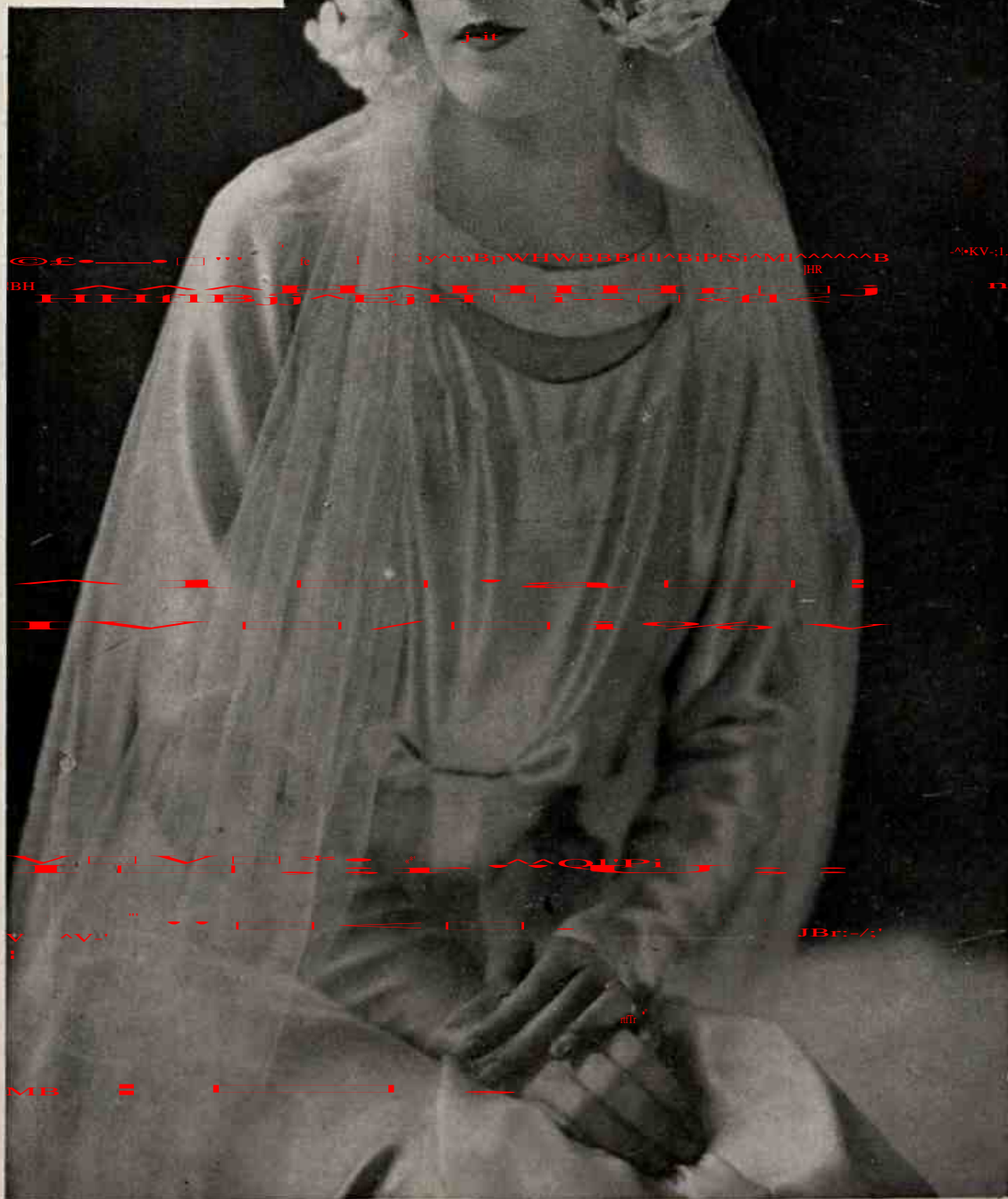
— Nem eu.

— Como se muda, meu Deus!

— Viver junto com aquella mulher...

— Em cuja cama o marido morreu!

Sentindo a hostilidade, o remoque, a malicia de todos, as duas mulheres trancaram-se na sua grande dôr, na sua grande saudade, e indiferentes á bôcca travosa e ignorante do mundo.

Porque nenhuma dellas teria coragem de, mesmo em defesa da dignidade, confiar a estranhos o que o morto escondêra da esposa: — que a "prima" era uma sua irmã. Um passo em falso da mãe, a quem elle adorára, depois de viuva...

Satin blanc. Tubereuses nacrées. (Photo especial para FON-FON).

TORRE DE BABEL

Edgar Proença acaba de receber o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Para outro qualquer, a formatura representaria um inicio e uma primeira etapa; para Edgar Proença representa, apenas, mais uma victoria da sua intelligencia e uma affirmação de sua força de vontade. O escriptor e jornalista excellente que elle é dispensava, sem duvida, o titulo universitario. Edgar Proença quiz, porém, legalizar a incursão brilhante, que já vinha fazendo, no campo das actividades juridicas na capital paraense, onde o seu nome é um estimulo para os moços que querem vencer e uma advertencia para os velhos que não souberam triumphar...

DIXEM que a alma das coisas é uma velha revelação que vive perennemente.

E se existe, essa alma vaga, que reflecte estados transitorios no cyclo humano das paixões, somos nós os creadores dessa visão mysteriosa. A historia da alma é um rendilhado de superstição, de fantasia, de pavor ou de crendice. Nunca se fixará a realidade dessa creação que ha millenios surprehende o universo com as incertezas da sua existencia. Mas a alma imperfeita, seductora e diabolica dos instinctos e das magias ahi está, palpitante e bulhenta como um garoto indisciplinado. A philosophia dos seculos vae transformando a essencia da philosophia dos corações.

Vingam-se o egolatrismo e a ambição de todos os sentimentos ingenuos que afloram aos ideaes puros.

Vingam-se o egotismo e a libração na balança defeituosa dos destinos. E só os destinos têm força para reger a orchestra desafinada das nossas emoções. E a alma dos destinos?

Onde viverá essa alma desconhecida que desdenha a perfeição, o raciocinio, a logica, tudo, emfim?

Alma dos destinos... Qual será a tua dominação sobre as creaturas? Alma cruel, alma generosa, alma admiravel...

Os fortes, os humildes, os bons e os máos, todos se curvam á tua omnipotencia. Porque tu representas o sol dentro do proprio sol, a vida latejando em haustos de animalidade ou de luz — o mar em toda a sua grandeza de vigoroso animador da terra, creando maravilhas, poemas e exaltações sobre a mesma terra incoherente em todas as suas aventuras.

Alma dos destinos... Fonte renovadora de mil existencias... Circuito incomprehendido que impõe realizações dispares, tentativas inuteis, barbaridades singulares...

De todas as almas, a alma dos destinos revela a alma completa da humanidade. E si a vida rola em despenhadeiros ou cascatas de magoa ou de alegria, crivada de settas ou coroada de rosas. E si a vida transcorre tragicamente ou serenamente, tudo advem de ti, alma errante, perdida ou justiceira, lendaria incomprehendida das riquezas e das miserias que atravessam o humano coração...

SYLVIA MONCORVO

Entre os novos elementos que a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro acaba de entregar á actividade juridica do paiz, figura, com destaque, o nome do dr. Paulo do Valle Vieira, que se formou com a turma de bachareis de 1932 e fez um curso digno da sua brilhante intelligencia. Filho de um illustre advogado — o dr. Aristides Vieira, o novo bacharel terá, certamente, no inicio da profissão, o prestigio paterno amparando-lhe os conhecimentos de estudioso do direito.

O dr. Cacildo Rodrigues da Cunha, que se formou em medicina depois de brilhante curso na Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, tendo collado grão na solemnidade realizada a 3 de outubro passado, escolheu a pediatria como especialidade no exercicio de sua nobre profissão. O novo medico foi interno de alguns dos nossos hospitaes e escreveu valiosa these de doutoramento sobre o ramo da medicina a que vae dedicar a sua actividade.

Mais uma brilhante festa mundana realizou-se sabbado ultimo nos salões do Automovel Club do Brasil, onde se reuniram, para o ultimo baile de janeiro da aristocratica sociedade, distinctos elementos da «élite» carioca. O «cliché» desta pagina focaliza dois flagrantes dessa linda reunião do nosso «grand-monde», organizada sob os auspicios do dr. Anysio de Sá, director social do A. C. B.

PHILOSOPHIA da VIDA

O homem verdadeiramente feliz é aquelle que não acredita na felicidade, deixando assim de correr precipitadamente atraz della.

• • •

No meio da grande desventura e do grande soffrimento, os olhos se enchem do azul do céo.

As estrellas ficam mais lindas dentro de uns olhos cheios de pranto.

Paulo de Freitas

31 DE DEZEMBRO de 1932

Tão bom pensar, depois de ter andado tanto,
que nem todos os caminhos foram ruins,
nem todas as horas passaram distantes e vazias,
nem todas as flôres do nosso jardim se desfolharam ou emmurche-
[ceram
sem perfume e sem côr, séccas e frias,
e nem todas as cousas más,
que poderiam acontecer, aconteceram...

Tão bom trazer nos olhos, cheios ainda de uns restos de espanto,
aquellas paizagens que foram ficando para traz,
e acolheram por uns minutos a nossa alma cansada
da longa, da inútil caminhada...

Tão bom recordar cousas pequenas e humildes,
que vieram, quando menos esperavamos,
sem barulho, na vida de cada dia,
despertar-nos um sentido já perdido
e revelar ao nosso ouvido
o amavel segredo de que ainda ha pássaros cantando pelas arvores,
namorados subtis conversando lyricamente,
sob o patrocinio discreto do crepusculo...
noites cheias de estrellas,
corregos murmuros prateados de luar
(como nos sonetos passadistas...),
vozes romanticas de sinos longamente a ecoar
nas manhãs de domingo, cheias de graça e de azul...
musicas dolentes e versos sentimentaes para a gente sonhar...;

Tão bom ficar assim, nocturnamente, num fim de anno,
olhos cerrados, alma escancarada,
o pensamento esquecido lá longe em coisas impossiveis,
sentindo o Tempo fugir...
relembrando o que se foi, e sonhando
que a Vida está ahi sorrindo para nós ainda,
que a Vida é linda,
e que amanhã, si Deus quizer, ella continuará...

ABGAR RENAULT

A memoria illustre de Graça Aranha foi tocantemente reverenciada no segundo anniversario da morte do glorioso autor de «Chanaan». Sexta-feira penultima, 27 de janeiro findo, realizaram-se, por iniciativa da Fundação Graça Aranha, varias solennidades commemorativas daquella data, sobresahindo a romaria ao tumulo do escriptor, no cemiterio de São João Baptista, e a sessão literaria que se effectuou á tarde, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros, e na qual diversos oradores exaltaram a obra e a sensibilidade de Graça Aranha.

Nossa pagina fixa detalhes da solennidade da Associação dos Artistas Brasileiros, quando falava sobre o escriptor brasileiro s. ex. o embaixador do Mexico, dr. Alfonso Reyes, que é um dos grandes espiritos da diplomacia continental.

INQUERITO

INVESTIGAR a alma humana é, de certo, um prazer indizivel. Não basta procurar saber o que é que se passa dentro de nós. E' necessario desvendar o que occorre na alma alheia.

E' só o que posso e devo pensar, neste momento, em que o correio me traz um inquerito curioso.

E' claro que não tem um autor, mas, simplesmente, uma autora.

Assigna-se ella *Manon*. "Tout court". Aliás, eu sympathizo com as *Manons*... E isso justamente por causa da Lescaut. Aquella mulher estranha, que tantas loucuras fez por amor. Por amor ao seu amado Des Grieux.

•

Mas, voltemos ao inquerito.

"Sr. Yves — Póde responder-me á "enquete" que se segue?

I — Qual o factor moral e espiritual que mais contribúe para a realização de uma obra de arte?

A «estrella» brasileira Lodia Silva, que teve grande exito recentemente em Buenos Aires, no Chile e no Uruguay, fazendo parte da Companhia Tro-ló-ló. Actualmente, é a primeira figura da Companhia de Revistas que trabalha no Carlos Gomes. A joven artista distingue-se pelos seus dotes de espirito.

* * *

II — Póde ser a mulher? E si é esta, qual a mais decisiva: a culta, illustrada, ou a de educação rudimentar e espirito singelo?"

•

A minha resposta vae aqui em resumo.

I — O factor moral e espiritual que mais influe na realização de uma obra de arte é a mulher que se ama. Porque a mulher que se ama é o proprio amor. E não ha obra de arte sem esse sentimento.

Não foi sem razão que Coulangheon escreveu: "*Le beau mérite de l'amour c'est qu'il exalte notre vie quelque fois jusqu'à son sommet.*"

Eis por que é a mulher, com o seu amor, que mais concorre para que a nossa vida se exalte pela arte.

O mytho de Pygmalião apaixonado por Galathéa, a sua obra divina, é mais que um symbolo.

II — Si a mulher está no mesmo nivel mental do artista, acredito que não. O parallelismo, no caso, provoca a emulação.

Esta, quando movida pela vaidade, é sempre negativa. Dois artistas, mesmo quando se amam, nunca trabalham, visando identico fim, sem preoccupações de primazia.

Creio que a mulher de espirito singelo será uma collaboradora mais util, mais efficiente e mais desinteressada. Porque no caso, ella é quem dá tudo, sem nada ousar reclamar.

Ella dará o seu coração e a sua alma.

Yves

Com os primeiros rumores do Carnaval, que se approxima, começam a apparecer, tambem, os primeiros modelos para as fantasias de Momo. Offerecemos, hoje, ás leitoras de FON-FON, algumas originaes suggestões para os disfarces que possam augmentar o encanto da sua silhueta bonita. Esta pagina, que inaugura a série de modelos da nossa galeria carnavalesca, apresenta algumas fantasias dignas da escolha de qualquer dama elegante que goste do Carnaval.

Caverna de Ali Babá

A senhorita Celia de Oliveira, gentil filha do dr. Peregrino de Oliveira, secretario da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, acaba de concluir o curso de professora no Instituto La-Fayette, e foi a oradora de sua turma, o que basta para assignalar-lhe os dotes de espirito e a estima de que desfructa entre suas collegas.

FRAGMENTOS DE VIDRO

HERMES FONTES

Nas apotheoses do verso, Hermes Fontes foi uma das mais vibrantes encarnações da intelligencia brasileira. Creador de bellezas, semeou de rythmos novos o caminho de sua vida até que a desharmonia do desespero o precipitou no abysmo.

Elle emocionou toda uma geração com sua emoção rimada. Ajoelhado deante da arte, cantou-lhe uma esplendida missa num rito novo. E todos os que o lerem palpitarão sempre ao sopro quente do sentimento que anima a sua poesia, grande, porque profundamente humana!

O SILENCIO DA INVEJA

Os inimigos da Gloria são legião, como aquelle demonio que respondeu a Jesus. Elles se aninham e se enroscam no fundo dos velhos e torpes corações humanos. Elles correm a cortina de chumbo do silencio sobre a personalidade e a acção de quem quer que já se não possa mais medir pela craveira commum. Porque o que nos domina a quasi todos, na nossa inferioridade de semi-civilizados, é a inveja pequenina dia a dia alimentada de auto-intoxicações biliares, de mil diminutos espinhos envenenados, a qual faz soffrer

O governo francez condecorou o consul do Brasil, sr. Benedicto Costa, com o officialato da «Etoile Noire du Benin». Benedicto Costa é um nome litterario em evidencia na vida mental do Brasil, desde que estreou na antiga «Gazeta de Noticias». Autor de varios volumes de observação e ficção elogiados pela critica, allia ás suas altas qualidades de escriptor a distincção dum verdadeiro diplomata.

mais quem a encerra do que quem procura attingir. E sua melhor arma é o silencio. O silencio de inveja!

O HOMEM E A MULHER

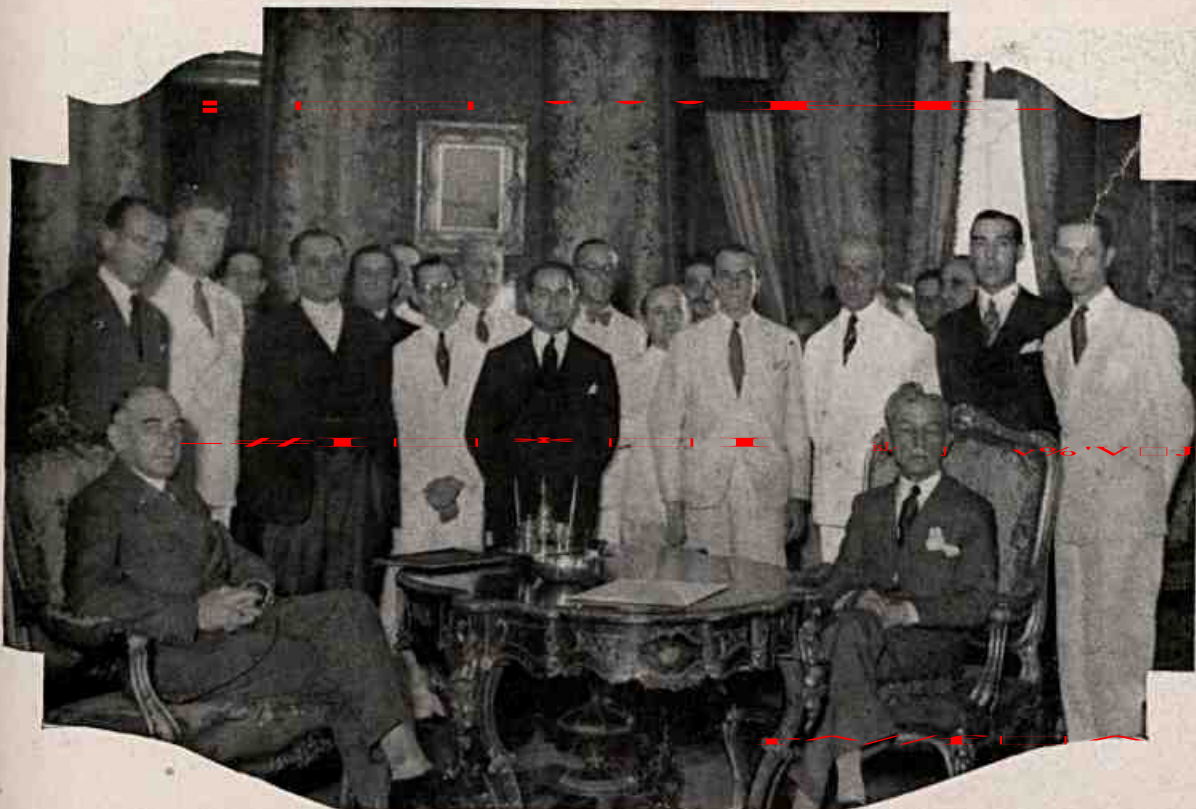
Uma separação constante, que se nota á primeira vista, tem havido sempre entre o homem e a mulher, na sociedade e na vida publica. Em geral, só o amor os approxima, algumas vezes para afastal-os, depois, ainda mais. Olham-se como rivaes, falam mal um do outro e se guerreiam. E tudo quanto a mulher consegue em materia de liberdade ou de direitos considera conquista, como o que se toma a inimigos.

Entretanto, a mulher não póde viver sem o homem, nem o homem sem a mulher. E o ideal seria que se comprehendessem e completassem. Como estamos longe delle todavia na grande luta de sexos que, ao lado da luta de classes, se processa no mundo!...

O MOMENTO.

O mundo perdeu o rythmo do passado e, ás apalpadellas, busca o do porvir, emquanto a anarchia dos espiritos, a ignorancia e a inveja vão desbaratando patrimonios materiaes, mentaes e moraes na applicação empirica de ideologias baratas, fazendo com que os espectadores calmos repitam philosophicamente a apóstrophe de Wesley: "God deliver us of reforming mobs!" — Deus nos livre das reformas da canalha...

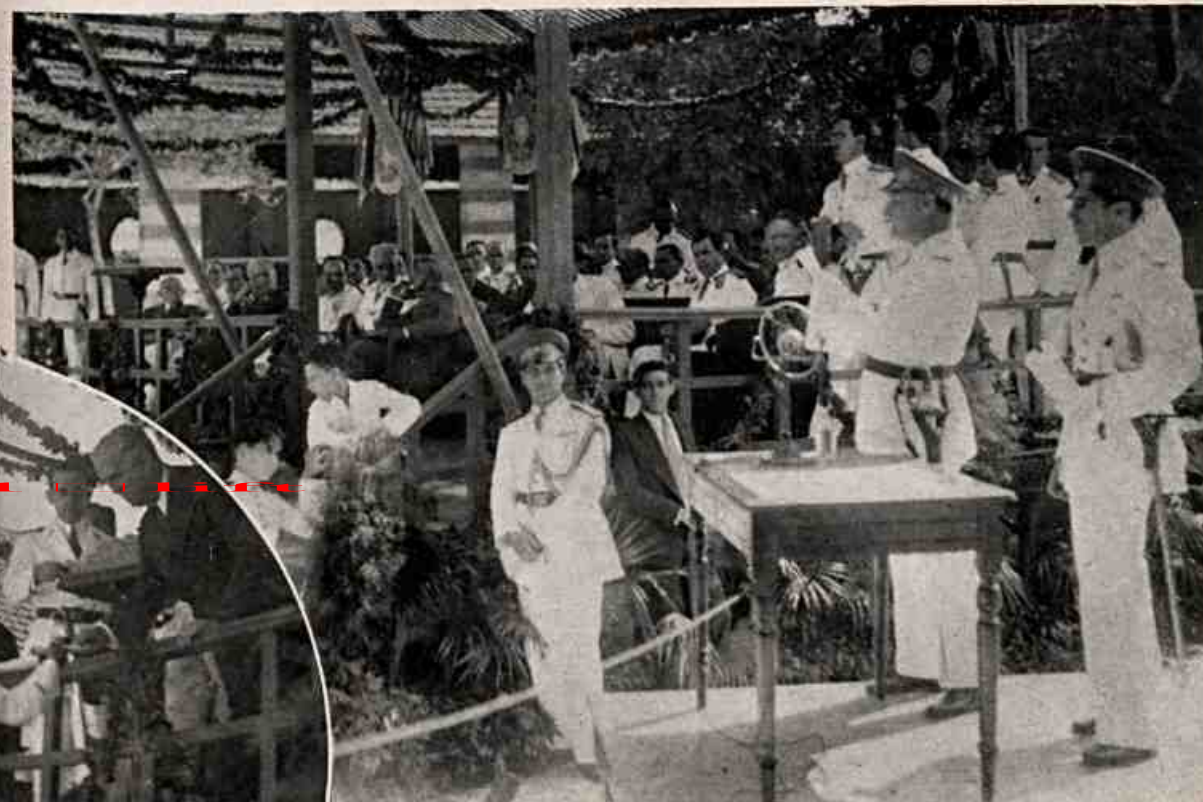
SÉSAMO

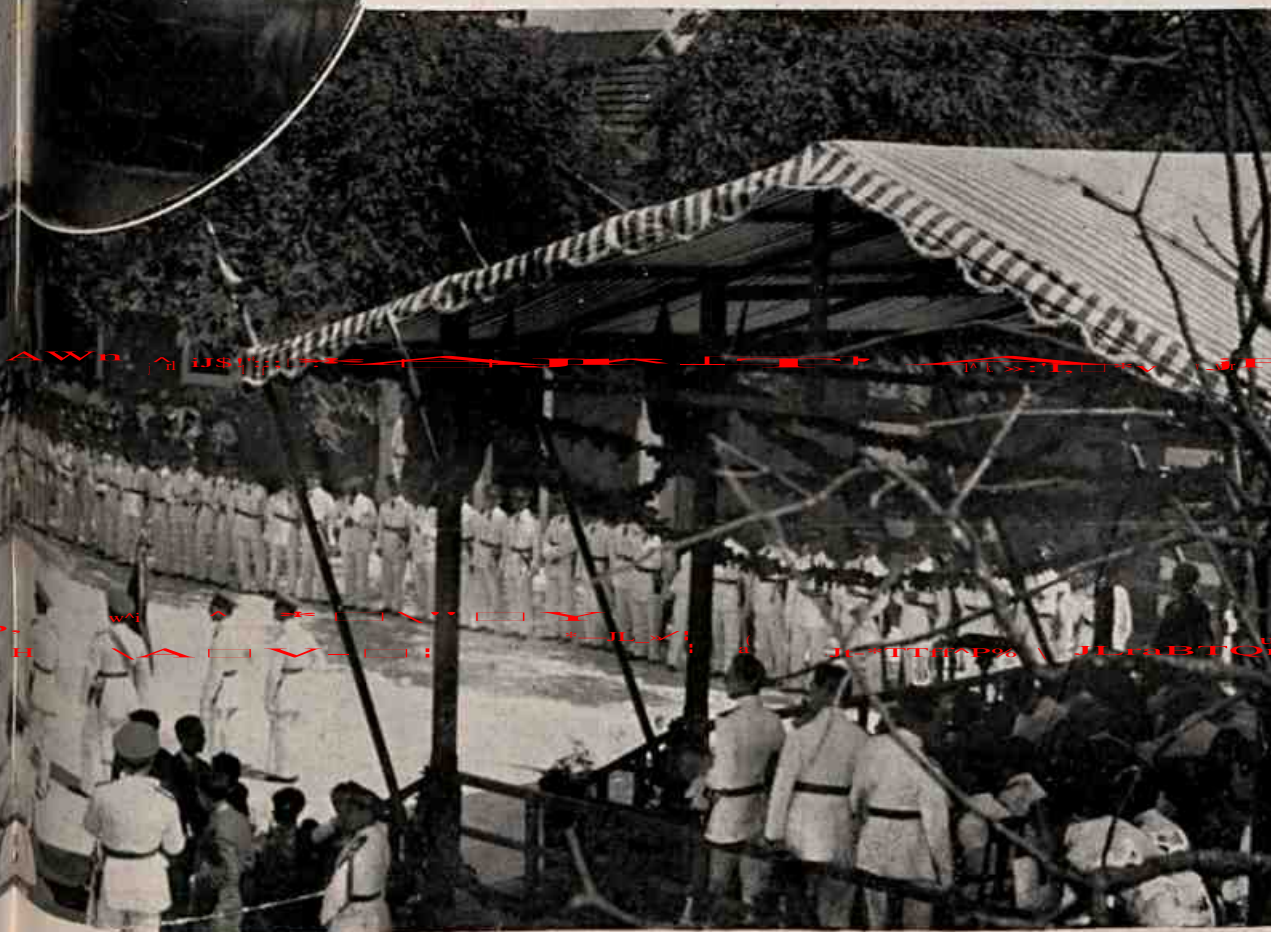
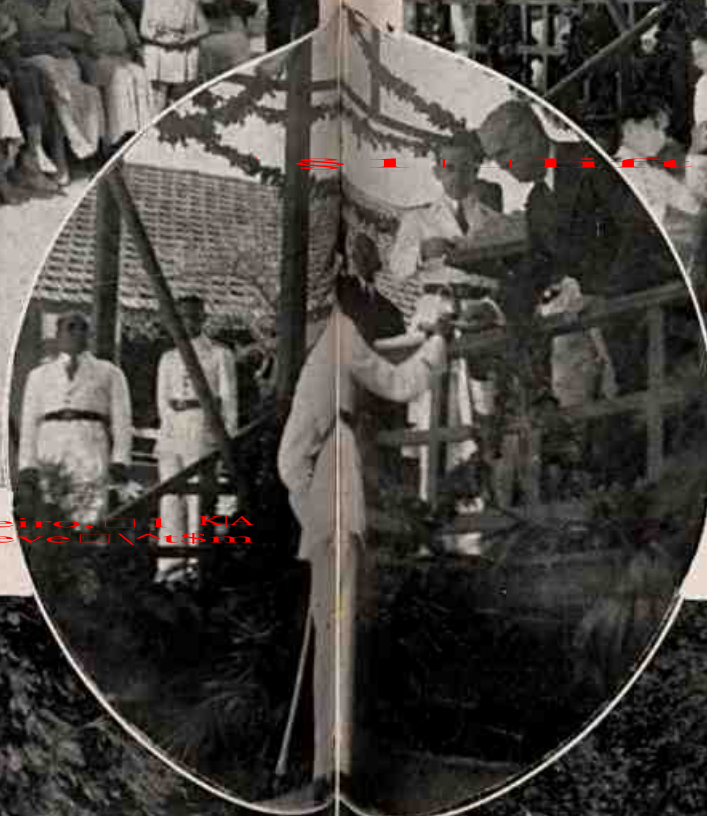
A intelligente Anná Soutilha, applicada alumna do Collegio de Sion, teve, este anno, bôas notas nos exames a que se submetteu naquelle estabelecimento, onde, pelas suas multiplas qualidades de menina estudiosa, goza do maior conceito e de grande estima, por parte não só das suas colleguinhas, mas tambem do corpo docente do conhecido educandário.

O sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e o ministro da Polonia, dr. Thadée Grabowski, assignaram sexta-feira penultima, em solennidade official realizada no Palacio Itamaraty, o Tratado de Conciliação entre o Brasil e aquelle paiz amigo. Focaliza o «clichê» acima um aspecto desse acto diplomatico.

O ROMANCE ANTIGO

O romance de que temos alguns raros exemplares na antiguidade classica, se como romance considerarmos a pastoral de Appollonio de Rhodes — *Daphnis e Chloé*, ou as *Metamorphoses* de Apuleio, manifesta-se no fim do seculo XVIII dentro dos cânones do mysterio, do horror, do terror, da magia e do sobrenatural. Termina quasi sempre pela felicidade do heróe ou heroina, coroamento que corresponde á sêde de justiça de quasi todo coração humano. O mysterio do entrecho só é revelado no final, quando as emoções estavam esgotadas, afim do leitor não perder o interesse até a derradeira pagina. Avidos de conhecer, porém, o desenlace, os leitores de antanho costumavam lêr o ultimo capitulo em primeiro lugar...

Alcançou brilhante êxito mundano a «Noite regional» que se realizou sabbado passado, na séde do Syndicato Medico Brasileiro, em beneficio da Casa do Medico, e durante a qual, nos intervallos das danças, festejados artistas se fizeram ouvir em numeros de grande successo.

Decorreu cheio do maior brilho social e militar a festa dos novos aspirantes a official do corpo de contadores do Exercito, realizada na tarde de 27 de janeiro, na Escola de Intendencia do Exercito, com a presença do representante do chefe do governo provisorio e de outras altas autoridades militares e civis.

Além da ceremonia da declaração de aspirantes, que teve logar no pateo interno da Escola, houve uma hora de arte na qual tomaram parte, entre outros nomes applaudidos nos nossos salões, o illustre jornalista Paschoal Ferroni e a cantora Adriana Besanzoni.

Estão nesta pagina os aspectos principaes da primeira dessas solennidades.

REPRODUZIMOS aqui o soneto "Esplendor ephemero", do nosso prezado companheiro e consagrado poeta Bastos Portella, publicado em pagina illustrada da ultima edição de FON-FON. Por um lamentavel descuido, essa brilhante producção do querido autor de O Suave Enlevo sahiu com um de seus versos repetido, o que alterou o pensamento do poeta tão justamente festejado no Brasil inteiro. Dahi a nova publicação de "Esplendor ephemero", que, pelas bellezas que encerra e pelo nome de seu autor, bem merece ser estampado duas vezes.

ESPLENDOR EPHEMERO

E's moça e bella. Assim, hoje pões e [dispões.
E, feliz, num requinte fátuo de vaidade,
vaes pela vida, altiva, a esmagar corações...
Nada encontras no amor que te amargure [ou enfade.

Mas, quando, um dia, emfim, attingires a [idade
em que se perdem, para sempre, as illusões,
tu me dirás, então, o que é sentir saudade
e o que é chorar no horror das longas [solidões...

A belleza desfeita, humilde, decadente,
serás a flor que num jardim murcha e [descora,
ao crepusculo azul da tarde, tristemente...

E vendo-te passar como os fantasmas, eu,
eu soffrerei, talvez, como quem lembra e [chora
uma bella mulher que se amou, e morreu...

Henrique Paulo Bahiana é um joven escriptor, cujo livro de estréa, «O grande Japão», lhe conquistou sympathias geraes entre os apreciadores das bôas letras, e representa um intelligente serviço prestado á obra de approximação, cada vez mais cordial, entre o grande paiz do Oriente e a nossa Patria. «O grande Japão» é um livro bem feito, cheio de observações e dados curiosos, cuja leitura se faz com intenso agrado e com uma admiração crescente pela intelligencia moça que a plasmou de modo victorioso e brilhante.

ADORMECER DE POETA...

Muita vez, no silencio, emquanto a noite desce
E pousa sobre a terra o seu manto dourado
De estrellas, — no meu quarto, a sós, abandonado,
Não tenho pelo mundo o minimo interesse...

Mas não sei bem dizer, — dentro em meu peito cresce
Um sonho, e, de repente, eu sinto consolado
Que alguém vem para mim... que alguém vem ao meu lado
E diz-me bem baixinho alguma estranha prece...

Então, tomo da penna, e espero calmamente...
Uma noite, porém, me lembro, adormeci
Sentindo esse esplendor de um céu que está contente...

E não puz no papel mais que um nome siquer,
E só quando acordei... na folha branca eu vi
Que apenas tinha escripto um nome de mulher!...

DESAFIO...

Não sei si sou na vida um ser feliz...
Vivo a chorar e a rir, vivo cantando...
E o riso dos meus labios vae brotando...
E o pranto orvalha os versos que eu já fiz...

E' n'alma incomprehendida de cantor,
Eu tento não chorar, mas choro tanto,
Que este meu riso é o borbulhar do pranto,
E este meu pranto é o borbulhar da dôr...

Não sei si sou, portanto, um ser contente...
— A's vezes, a sorrir, choro; no emtanto,
Outras, chorando, eu rio intimamente...

E' o destino palhaço em desafio:
— Soffro e padeço, e para a vida eu canto!
— Choro, e soluço e para o mundo eu rio!

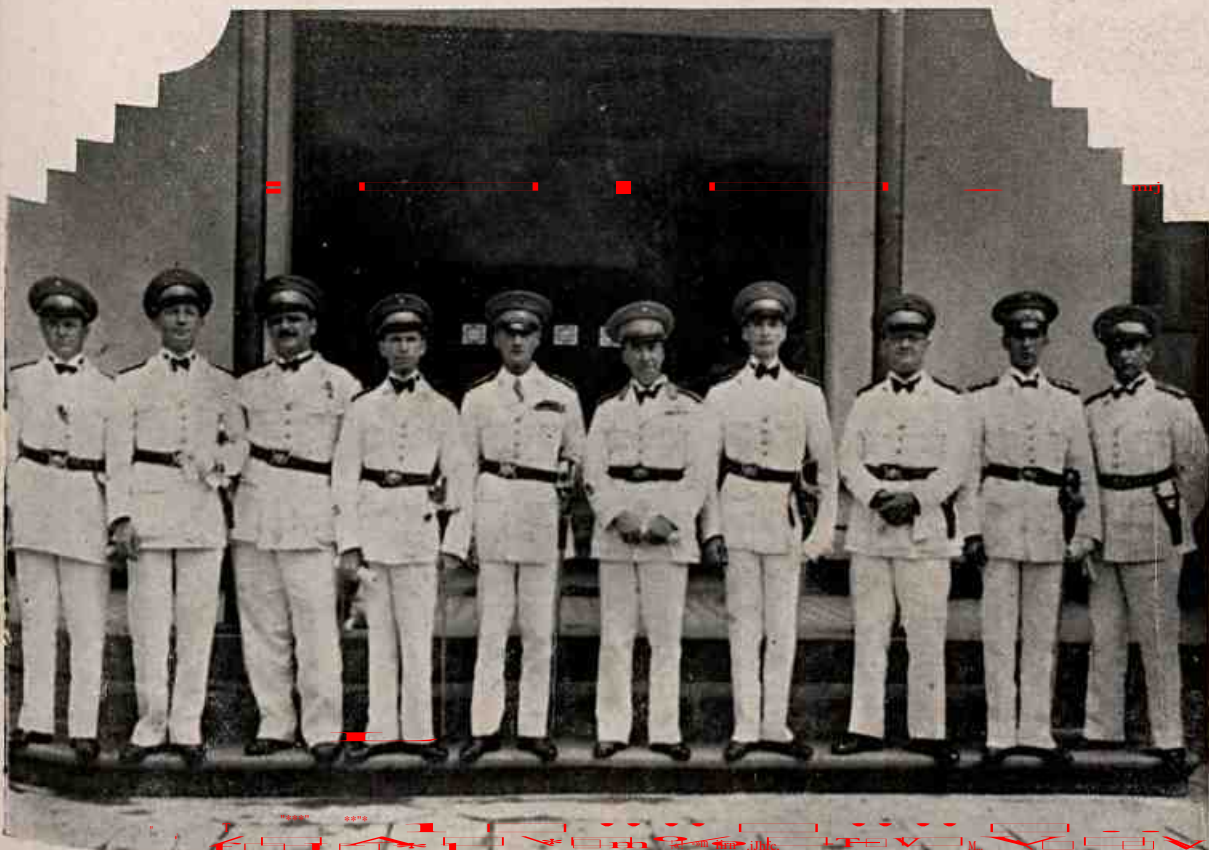
J. G. de Araujo Jorge

O joven poeta J. G. de Araujo Jorge, que firma os dois sonetos ao lado, antes de completar os vinte annos, já se revela um artista de sensibilidade delicada. E' alumno da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e membro da Associação Universitaria. Quando alumno do Collegio Pedro II, foi eleito, em renhido pleito entre seus collegas, principe dos poetas daquelle estabelecimento. Agora é candidato ao titulo de O maior poeta moço do Brasil e tem um livro em preparo intitulado Pulsações...

Na penultima quarta-feira realizou-se na Escola do Estado Maior do Exercito, a cerimonia do encerramento do anno lectivo de 1932, seguida da entrega de diplomas aos officiaes que acabam de concluir o curso naquelle estabelecimento militar. A' mesa que presidiu aos trabalhos dessa solennidade, sentaram-se, além do commandante da Escola do Estado Maior, general Christovão Barcellos, o representante do chefe do governo provisorio e outras altas autoridades presentes.

SABARÁ

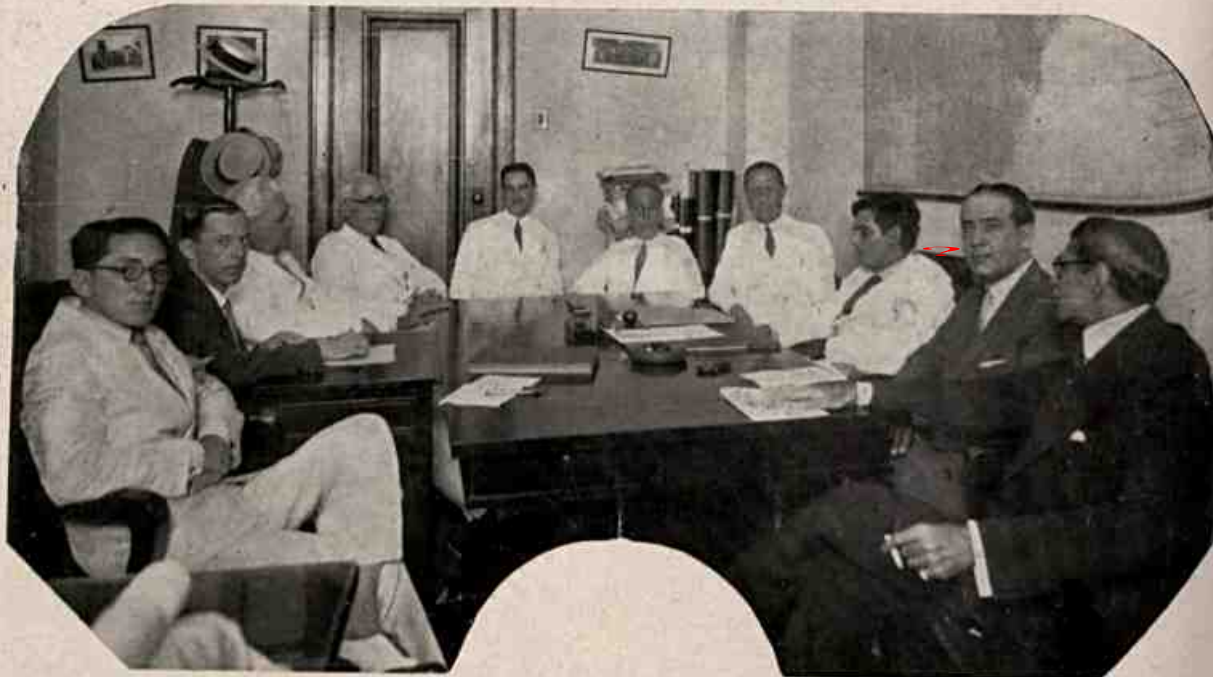
Chove. Os automoveis, correndo pela estrada torcicollosa, vão espanando a lama côr de ferrugem. O rio das Velhas, antigo caminho das bandeiras herwicas, corre barrento no fundo do valle. E a velha cidade de Sabará surge de repente dominando com seu desalinhado casario os serros verdes.

Meu olhar demora nas torres das igrejas barrocas e na fachada colonial dos solares abandonados. Aqui, como em Ouro Preto, em Marianna, em S. João d'El Rey, em Diamantina, uma civilização nascida do ouro e do diamante se immobilizou para sempre, afim de nos dar uma idéa do nosso passado...

Os officiaes que concluiram em 1932 o curso da Escola do Estado Maior do Exercito, e que receberam o respectivo diploma na solennidade do dia 25 de dezembro.

Depois de cerca de seis mezes de ausencia na Europa, cujos principaes paizes visitou em excursão de recreio, regressou ao Brasil, na semana passada, a illustre escriptora senhora Maria Neves de Castro, que viajou a bordo do «Cap Arcona» e foi recebida, no cáes de Mauá, por elevado numero de pessôas de suas relações, destacando-se, entre as mesmas, varios intellectuaes e artistas. E' um flagrante do desembarque nesta capital da brilhante autora de «Anna Maria» o que focaliza o presente «cliché», onde, cercada por um grupo de amigas, apparece a sra. Neves de Castro sobraçando as flores que lhe foram offerecidas.

O PASSADO

O olhar que se lança ao passado, á tradição, á historia, nos engrandece e nos aprimora. Elle nos ensina a julgar o presente e a confiar no futuro. Elle dá energia e tempera o caracter. Nas perspectivas do espaço e do tempo, os exemplos dos nossos maiores estão de pé como grandes marcos milliarios que nos mostram qual o caminho a percorrer.

O homem que totalmente se volta para traz não progride; mas o que caminha de vez em quando re-pergue, crutando a distancia percorrida, esse tem mais uma fonte em que beber inspiração e em que desalterar sobretudo a sua grande curiosidade de saber...

Com a presença do dr. Lourival Fontes, director da secretaria do gabinete do interventor Pedro Ernesto e presidente do Conselho de Turismo da Prefeitura, realizou-se segunda-feira, na séde do Touring Club do Brasil, importante reunião com o fim de ser entregue a essa patriotica instituição a execução das festas sociaes do Carnaval de 1933. Foi eleita uma Commissão Deliberativa das alludidas festas, a qual ficou composta dos srs. Lourival Fontes, representante do sr. interventor do Districto Federal; Octavio Guinle, presidente do Touring Club; Herbert Moses, presidente da A. B. I.; Juvenal Murtinho Nobre, director do Departamento de Excursões e Festas; P. B. de Cerqueira Lima, superintendente do Departamento de Turismo; Luis Pereira, director-thesoureiro; Benito Neves, director de Publicidade, e Edgard Chagas Doria, secretario geral do Touring Club.

AS NOIVAS

Ao lado: Senhorita Morena Gusmão, filha do desembargador Arsenio Gusmão, que se casou nesta capital com o dr. Clovis Dunchee de Abrantes.

(Photo Germano Dalmão).

Senhorita Maria Cintra de Paula, cujo enlace com o dr. Achilles Mesiano se realizou na capital paulista.

(Photo Cerri — S. Paulo).

Ao lado: Senhorita Ruth Soutinho de Figueiredo, cujos esponsaes com o dr. Moacyr Ribeiro da Luz foram celebrados nesta capital.

Na vespera do anniversario do dr. Sinesio de Farias, director do Curso Freycinet, e professor da Escola Militar, as funccionarias da secretaria daquelle instituto de ensino mandaram celebrar missa em acção de graças pela passagem da data natalicia daquelle illustre educador.

Alfredo Rosas, filhinho do industrial João Carlos Rosas e de d. Esmeralda Rosas, no dia de sua primeira communhão.

A galante Maria Dinah, que é filha tambem do casal João Carlos Rosas, fez a sua primeira communhão com o maninho Alfredo.

A ILLUSÃO QUE VOCÊ ME TROUXE...

Na tarde côr-de-cinza, você chegou. Você veiu para a festa do meu Amor. Da minha illusão. Nos seus olhos, estranhamente scintillantes, eu vi, bailando num delirio de luz e de volúpia, a mensagem de Felicidade que você, affectuosamente, me reservára. Você tinha na vóz doce, meiga, delicada, suavemente mysteriosa, o sublime encanto das creaturas que nasceram com o Destino abençoado de deslumbrar o coração da gente.

* *

— Escuta, meu creador de bellezas interiores. Desperta. Sou tua. Inteiramente. Unicamente. Esquece o que viveu. Esquece o Passado. Em tua alma sensitiva, anda anonymamente, desconhecida, ignorada, a Felicidade por que tanto eu anseio. Liberta-te dessa profunda nostalgia. Vem para a Vida. Vem para o Amor. Vem commigo. Vamos. Decide-te. Eu te pertenço. Faze de mim a alegria de tua Vida. Porque tu és, inconscientemente, o meu sonho de Felicidade, o meu Amor...

* *

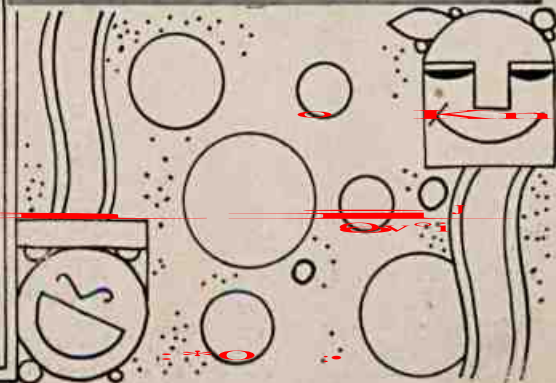
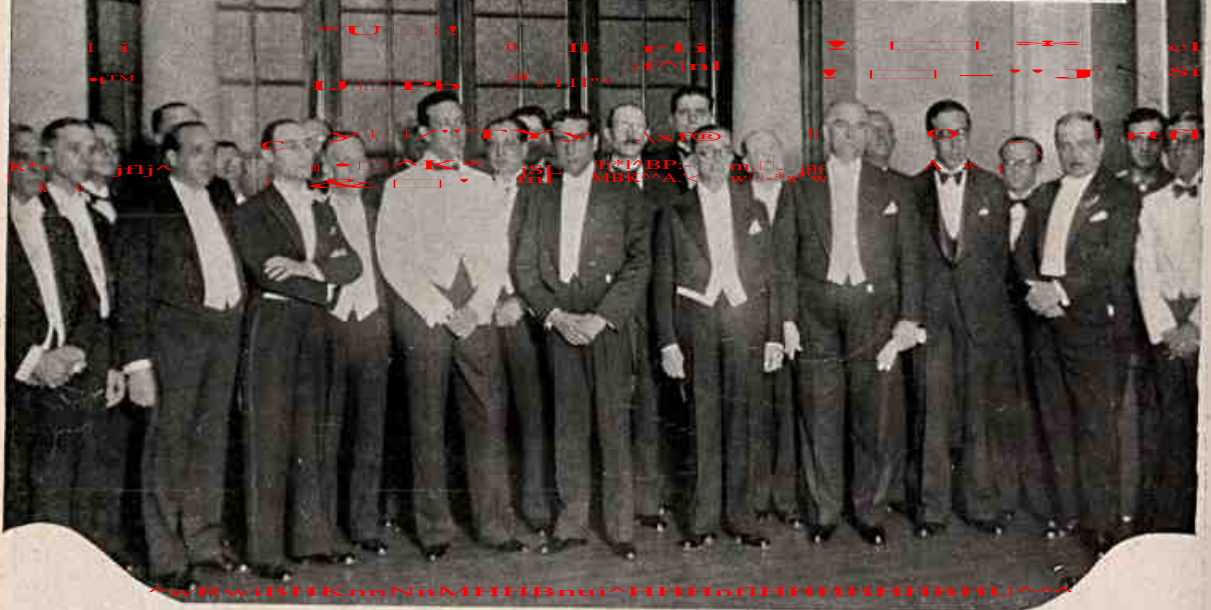
Assim você falou na tarde côr-de-cinza.

* *

Depois, eu caminhei pelas estradas asperas do meu Destino, levando para a minha silenciosa intranquillidade, mais uma illusão — a ultima, de que eu era o seu Amor... — Ney.

O pequeno Laureano Dalmão, sobrinho do nosso companheiro Germano Dalmão, numa photographia tirada no dia de sua primeira communhão.

Os garotos cariocas hão de dizer, certamente: «Nós tambem somos do brinquedo»... Sim. Os gurys têm direito a entrar na mascarada de Momo, com as suas vestes jocosas ou elegantemente carnavalescas. E' por isso que aqui offerecemos, aos seus papás e ás suas illustres mamãs, os bellos figurinos desta pagina. Olhem que engraçado é o pequeno chim... E a garota das tranças? E o gury do cachimbo? E o polichinello de cabello assanhado? Emfim, é vêr agora o que póde ser de mais successo...

O Club Gymnastico Portuguez engalanou-se sabbado ultimo para receber em sua séde social o interventor dr. Pedro Ernesto, em honra do qual offereceu imponente festa, que se revestiu do maior esplendor, como attestam os dois aspectos do nosso «clichê».

DA JUSTIÇA

Justiça, onde estás? Que fizeste para que tanto se preoccupem com o teu nome?

Invoca-se a justiça em todas as emergencias; e ella nunca vem de bôa vontade, tornando-se até duvidosa a sua imparcialidade.

A verdade, o medo e a inveja embaraçam a sua odysseia, disvirtuando os seus bons intuitos. Cada qual a applica em conformidade com os seus interesses.

Não convém que ella venha só ou immediatamente, quando se aguardam os seus bons officios.

A justiça chega sempre tarde, depois de fazer soffrer muito.

Alexandre Passos

OS MORTOS

Os mortos vivem sempre comnosco. Velho epithaphio latino rezava laconicamente — *Vivis!* isto é, continúas a viver. Os mortos continuam a viver dentro de nós, porque somente seus corpos desapparecem. As almas ficam na saudade com que as lembramos, nas obras com que ellas proprias se fazem lembradas. E, como ha mais mortos do que vivos, a vida subjectiva dos mortos é a maior que existe á face da terra.

E' nesse amplo sentido que nós-os vivos, somos sempre e cada vez mais governados por elles, segundo o quer Augusto Comte.

O dr. Paulo Ramos, secretario da Directoria Geral do Thesouro, mandou celebrar, na igreja de S. Francisco de Paula, uma missa em acção de graças pelo restabelecimento de sua veneranda progenitora, d. Maria dos Santos Ramos. O presente grupo foi tomado após a cerimonia religiosa, á porta daquelle templo.

FON-FON no cinema

Yula era a alegria do cabaret.

O ANJO DA NOITE

(The Night-Angel) Da PARAMOUNT

com NANCY CARROLL e FREDRICH MARCH

A cidade de Praga, as diversões eram muitas, e d'ahi dissipar a condessa Von Martini a sua grande fortuna, e ser agora obrigada a trabalhar, explorando um cabaret, onde a freguezia affluia, atrahida pela formosura de Yula, a filha da condessa.

Sempre rodeada por moços estroinas e velhos libertinos, a condessa adquiriu facilmente o vicio do jogo e da bebida e, para fazer face aos seus enormes gastos, empregava todos os meios para arranjar dinheiro. Um dia, levou ella longe demais a sua audacia e acabou sendo entregue á justiça, que a condemnou a dois annos de prisão. Yula, por ser de menoridade, foi internada pelo mesmo periodo de tempo no Reformatorio Publico, mas a sra. Anna Berkem, mãe de Rudek Berkem, o promotor publico, intervem junto delle e Yula vae empregar-se como aprendiz de enfermeira durante o tempo da prisão da "condessa".

Ella via bem que elle a defenderia.

Ao saber disso, Yula revoltou-se, mas su-

Flôr de lama.

jeita-se á determinação de Rudek, cujo interesse pela moça começa a ser thema das ironias da noiva do magistrado e da mãe desta.

Essas attenções não produziram, porém, em Yula siquer sympathia pelo promotor. Para ella, Rudek continuava a ser o homem que mandára sua mãe para a prisão.

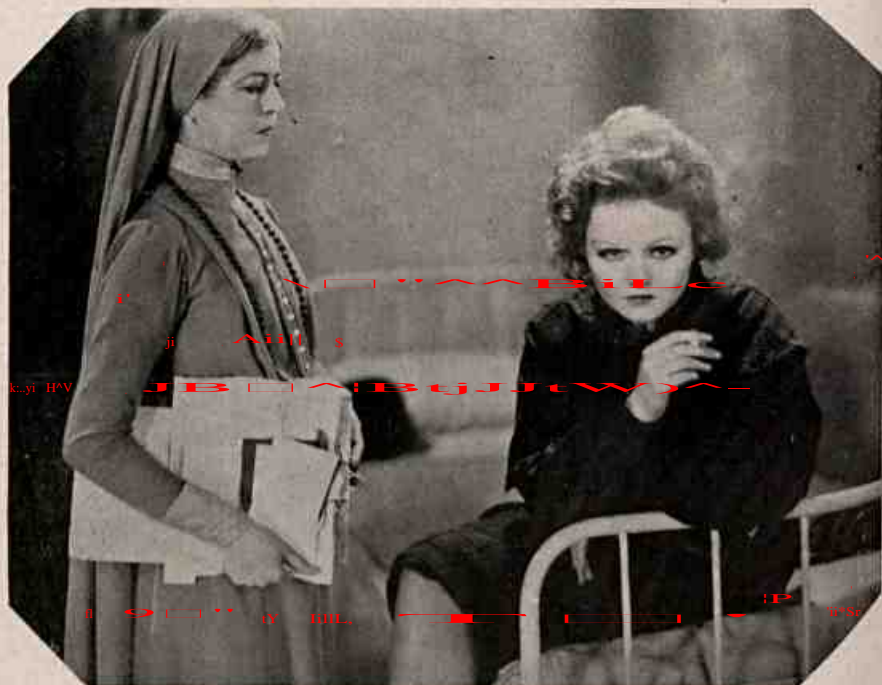
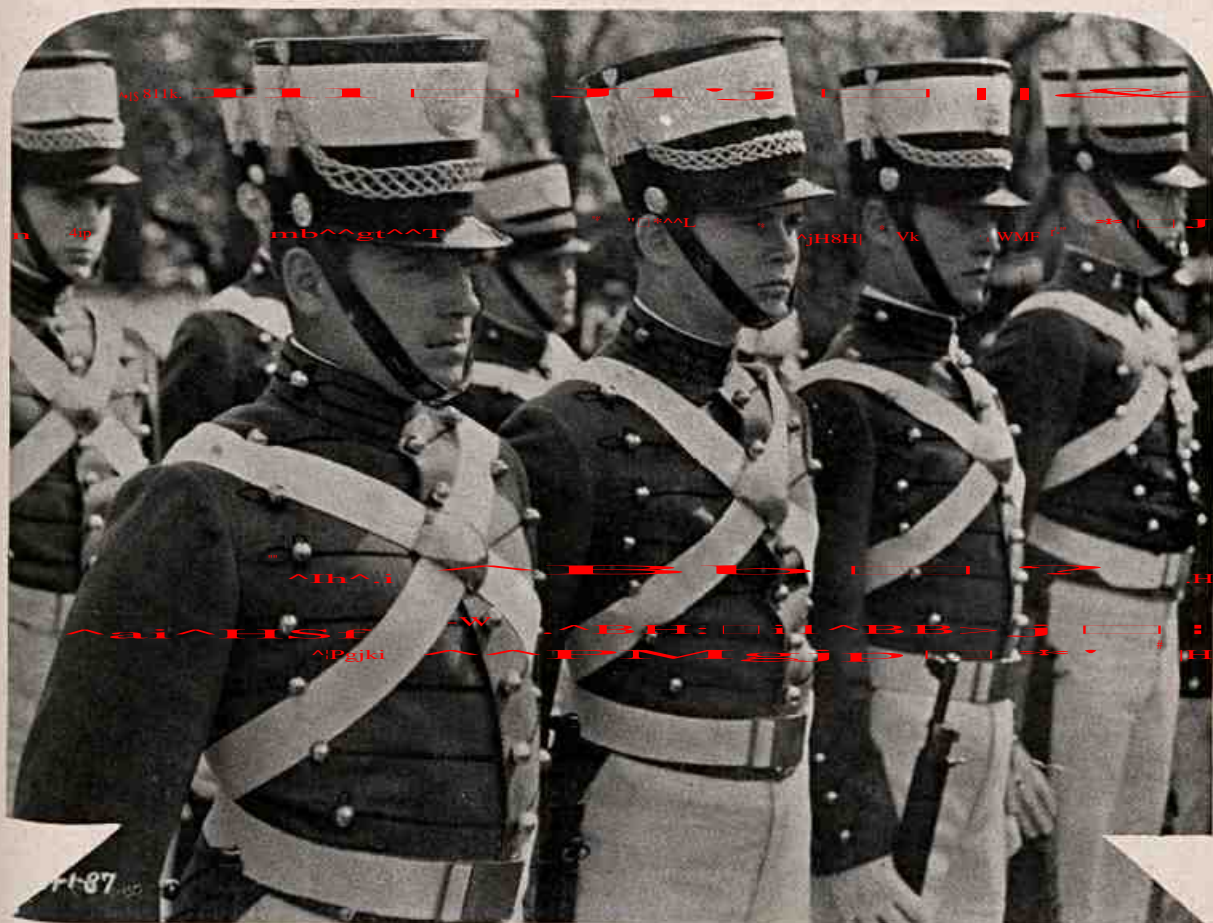
De caracter impulsivo e ansiosa de liberdade, Yula não se sentia feliz e assim o demonstrava a Rudek todas as vezes que se apresentava uma opportunidade.

Biezl, o assalariado da condessa, que havia alguns mezes perseguia Yula com suas declarações amorosas, tomára nesse dia mais vinho do que o seu cerebro permittia e nesse estado de exaltação entrou na sala. O alcool não reduzira suas forças herculeas e na rude e desigual luta que entre os dois homens se travou, Rudek anteviu sua derrota. Ao ver-se, portanto, perdido, agarrou numa lima que encontrou por acaso no chão, e com ella apunhalou Biezl no peito. O gigante levantou-se e, tropeçando pelos moveis que estavam tombados pela sala, encaminhou seus passos para a escada. Suas pernas cambalearam e elle procurou apoiar-se ao corrimão, que ao peso descomunal de seu corpo se partiu, precipitando o hercules no espaço.

Atrahidos pelo barulho da renhida luta, alguns policiaes invadiram o cabaret, mas Biezl já tinha exhalado o ultimo suspiro.

Preso e accusado de crime de assassinato, Rudek, para não comprometter Yula, recusou responder aos inqueritos. No dia do julgamento o advogado defensor interrogou as testemunhas e só conseguiu esclarecer alguns factos que não provaram a innocencia do réo.

Mas Yula, a esse tempo, sabe bem que a captivaram as bondades de Rudek e é ella quem, comparecendo ao tribunal, depõe em seu favor e o salva de um injusto castigo.

Depois disso, o amor cria para os dois um mundo de felicidade que lhes basta por completo.

A condessa não mais sahirá da prisão.

A esperança da Patria.

Cadete de Honra

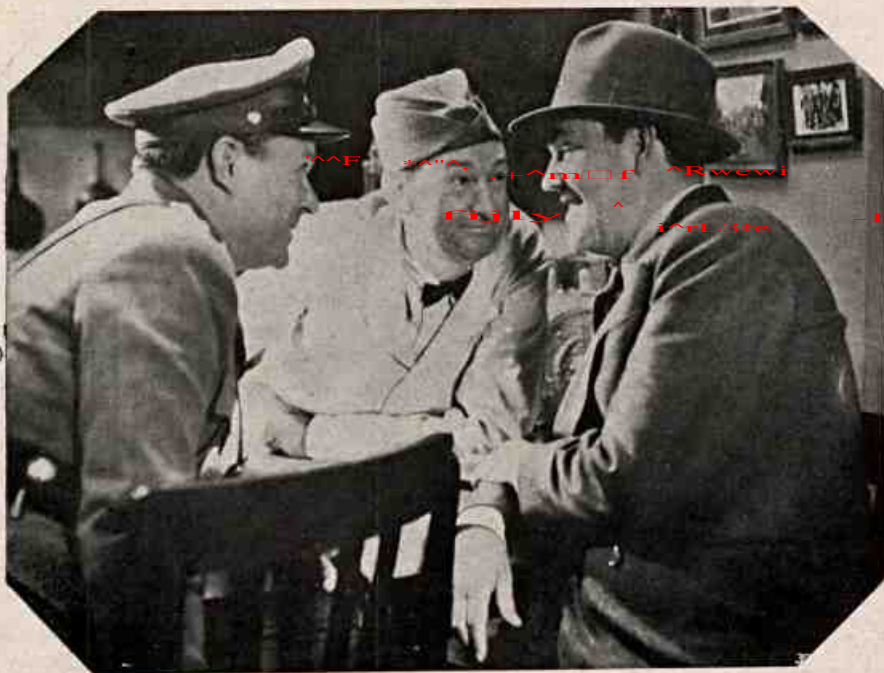
FILM DA UNIVERSAL

com Ton Brown e H. B. Warner

TOM BROWN, um rapaz orphão e só no mundo, é vencido numa luta de *box* preliminar no *stadium* local da Legião Americana, a ponto de desmaiar na sala de vestir. Recebendo 10 dollares como premio pelo seus serviços no "ring", Tom vae ao bar de Slim, alli perto, afim de alimentar-se. Slim foi sargento durante a guerra.

O major Wharton e o capitão White, membros da Legião, seguem Tom e descobrem que elle leva comsigo a medalha congressional da honra, que seu pae havia ganho antes de fallecer, sendo medico dum regimento, e havendo merecido esta honra por bravura no campo da batalha. Slim sabe que o te. Brown, pae de Tom, foi quem o operou quando estava ferido e interessa-se muito pelo rapaz. Suggestionado pelo major Wharton Slim dá o Tom um emprego, permittindo que elle o ajude no balcão do bar. Os officiaes da Legião resolvem, em homenagem ao fallecide medico, enviar o seu filho ao collegio militar de Culver. Tom protesta violentamente e diz que não quer aprender a ser soldado. Porém, sabendo que a academia de Culver é especialista em confeccionar homens, elle parte para lá.

O premio do brio militar.

Chegando a Culver, Tom revolta-se contra seus superiores e torna-se rebelde, não se entregando á disciplina estricta do collegio, causando brigas com os companheiros de quarto e de classe, assim como com o cabo John Clark, Bob Randolph, seu companheiro de quarto, e Raph, o primo deste ultimo. Este sentimento culmina quando Tom recusa fazer continencia a uma estrella dourada de honra, que está no pavimento da academia, que con-

Elle queria saber a verdade.

tem os retratos daquelles mortos em combate, inclusive o pae de Randolph. Trava-se uma luta entre os rapazes, o que chega ao conhecimento dos superiores. Finalmente, Tom faz as pazes com Randolpho, tornando-se seu amigo.

Certa noite, alguns annos depois, Slim está terminando o dia, encerrando as portas do seu café, quando é surprehendido pelo homem que salvou a sua vida, durante a guerra. E' o medico, pae de Tom, que elle conta como elle, depois de ver morrer um companheiro seu, trocou as chapas de identificação, e fugiu amedrontado ante o terrivel canhoneio. Slim conta ao dr. Brown que seu filho está sendo educado em Culver.

Pelas festas do Natal Slim envia um grande bolo para Tom e seu companheiro. Tom agora é official-cadete, e divide os seus presentes entre todos, menos Carruthers, cujo quarto fica distante. Depois Tom chega a saber que morreu a mãe de Carruthers naquelle mesmo dia e vae offertal-o o seu pedaço de bolo, mas Carruthers não pode comer, pois está muito commovido.

Tom leva Bob Randolph para a casa de Slim, afim de passar as ferias em sua companhia, e são recebidos com um lauto banquete preparado pelo proprio Slim. Depois vae acompanhal-o ao hospital local, afim de distribuir prendas aos doentes veteranos daquella instituição, encontrando alli recolhido no leito o dr. Brown.

Voltando a Culver, Tom é nomeado primeiro sargento e commanda o seu batalhão pelo campo em manobras, agindo com o verdadeiro espirito da academia militar, orgulhando-se dos galões. Depois, quando Ralph se ausenta da escola por motivos ficticios, elle insiste com o primo deste que Ralph deve confessar tudo. Bob, o primo, fica enraivecido e desafia Tom para uma luta de box, no stadium do collegio. Bob vence, mas termina convencido que Tom tem razão. Ante a confissão de Ralph aos superiores, este é despedido.

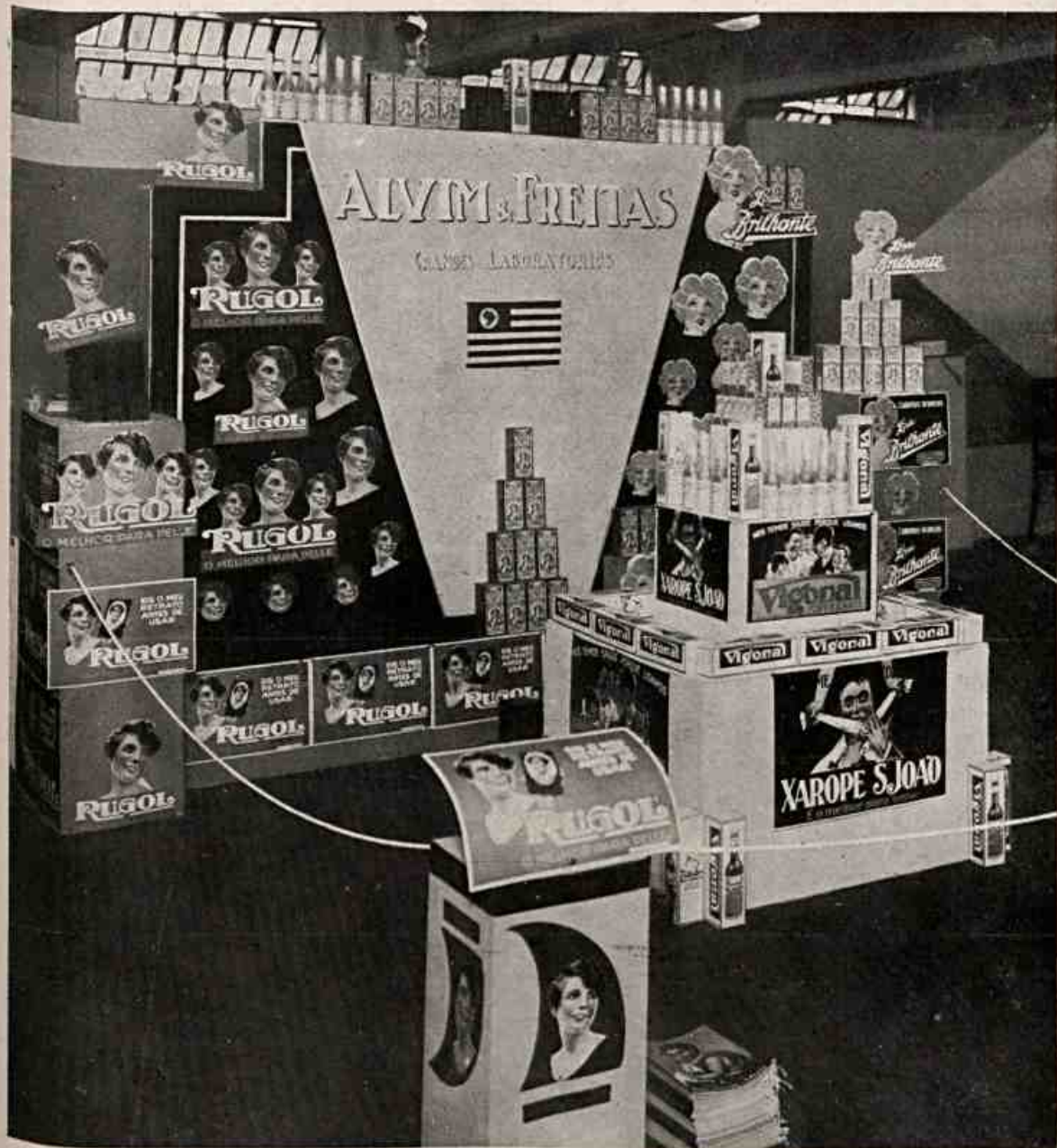
Com a intenção de mais uma vez ver seu filho, o dr. Brown vae á Academia para assistir á colação de grau da classe precedente a de Tom. E Tom, lembrando-se do velho doente que conheceu no hospital, convida-o para o seu quarto e mostra-lhe a celebre medalha congressional da honra que seu pae mereceu. Não supportando mais, o medico confessa a sua identidade, dizendo que elle não mereceu a medalha por ser desertor. Tom leva-o a um hotel perto dali e na manhã seguinte resolve partir levando comsigo seu pae. Elle volta para a academia, tomando parte nos exercicios de colação do grau, emquanto seu pae assiste de longe.

O commandante dos cadetes lê o apontamento e o nome de Tom Brown sôa como cadete capitão. E de longe o velho dr. Brown faz continencia á bandeira americana, ao som do hymno nacional.

Revelações que os alegravam.

Stand dos
Grandes Laboratorios Alvim & Freitas

Grande Premio — MEDALHA DE OURO - Fóra de Concurso
Em Exposições Internacionaes

Feira de Amostras de Productos Pharmaceuticos — São Paulo

Vista parcial do artístico e moderno Stand dos Laboratórios Alvim & Freitas na 1.ª Feira de Amostras de Productos Pharmaceuticos, onde occupou um lugar importante. A commissão julgadora, dignamente presidida pelo scientista Dr. Afranio do Amaral, conferio medalha de ouro aos productos Alvim & Freitas, dentre os quaes se destaca Loção Brilhante, Creme Rugol e Xarope S. João. Essa recompensa veio juntar-se aos numerosos premios que já lhe foram conferidos em diversas exposições internacionaes: 8 medalhas de ouro — 1 Fóra de Concurso — 2 grandes premios — 2 diplomas de honra. Esse glorioso resultado é uma honra para a industria nacional.

Escriptores e livros

"A Arte de Comer Bem", o magnifico livro que Rosa Maria escreveu para as donas de casa, e que tão grande successo alcançou na sua primeira edicção, acaba de apparecer em segunda edicção, augmentada de novas receitas e menus, formando um precioso volume de cerca de quinhantas paginas bem impressas.

A Livraria Braz Lauria, á rua Gonçalves Dias, 78, tem á venda, ao preço de 9$000, "A Arte de Comer Bem".

Rodrigo Octavio Filho — A CONSTITUINTE DE 1823 — Renascença Editora — Rio

TRATA-SE de uma these apresentada ao 2.º Congresso de Historia Nacional, na qual o autor procura focalizar a obra legislativa da Constituinte de 1823. Estando o paiz nas vesperas da sua terceira Constituinte, a leitura deste trabalho torna-se interessante pela série de observações que encerra. Rodrigo Octavio Filho é um espirito brilhante, um escriptor que seduz pela simplicidade do estylo. Os capitulos denominados *Choque fatal das mentalidades?...* e *Vicio congenito...* são os que despertam maior interesse. Vamos breve apreciar coisa parecida, isto é, vamos observar o choque da velha mentalidade instruida do personalismo, deante do espirito renovador que deseja espancar as trevas medievaes que envolvem a Nação.

Vae se repetir o phenomeno assignalado por Homem de Mello, isto é, vae apparecer, na scena politica do Brasil, uma nova geração que nas academias, nos estudos tranquillos do gabinete, nos acontecimentos em acção, forjou a sua educação politica, e que até agora se retrahira, entregue ao silencio e á obscuridade, porque o paiz estava nas mãos de um syndicato voraz de profissionaes de negocios esquisitos.

A acção dynamica dos novos vae topar com a mentalidade reticenciosa dos chamados conservadores, e grande parte do tempo será perdido em discussões estereis. Mas, por fim, tudo ha de se arranjar. A historia se repéte é verdade, porém, mesmo assim, os povos não deixam de avançar.

Leão de Vasconcellos — TATUAGENS SEXTIMENTAES — Editora Marisa — 1933 — 5$

LEÃO DE VASCONCELLOS inicia o anno com um lindo livro de versos. E' um poeta que não mais precisa de apresentação, pois soube conquistar facilmente o publico desde que publicou *Por mais para esquecer*. Neste novo livro, Leão de Vasconcellos, com requintes de arte, mais individualiza a sua poesia.

Depois, para que não te esqueças nunca mais,
Farei com elles uma tatuagem invisivel,
Esquisita, inquieta e viva,
Como esses desenhos que se fazem nas argilas
Que encobrem a intenção
E a tortura de quem os fez.

Com meus beijos vestirei assim a tua nudez...

Pois as tatuagens do poeta são assim... Não ha como resistir á leitura do livro, de um só folego.

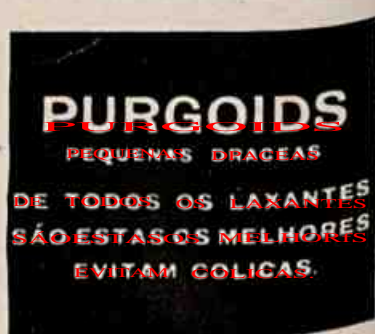
E após, guardamos na memoria a derradeira canção:

Tuas caricias, nos meus sentidos,
Ficaram como marcas indeleveis,
Como um ferrete sentimental.
Onde quer que eu abra o meu peito largo
Ellas estão vivas como uma tatuagem
de sangue...
E se movem... E me pendem como braços...

Tuas mãos mentem e me traem, eu sinto.
Ellas sonham com outras que por ellas passaram.
Ha um perfume de muitas côres sem vestigios...
Nos dedos, que ainda esperam pensativos...
Nas veias, que ainda esperam desnorteadas...
Ah! este delirio de não ver nas tuas mãos
Manchas de beijos rapidos, velozes...
Manchas de perfumes sensuaes...
As tuas mãos me traem,
Eu sinto!

Eis o começo de uma historia sentimental, que se desdobra, que prende a nossa attenção, que por vezes allucina...

No teu corpo espelhante de nudez,
Que de tão branco faz reflexos,
Vou tecendo com os meus beijos caprichosos
Uma renda imaterial como o silencio.

O ABANDONO

FANNY MICHARD A GERMANO CRETOIS

«NÃO me julgues mal, querido. Bruscamente, senti que já não te amava. A culpa não é minha, nem tua. Sei muito bem que te vaes affligir. Mas não me guardarás rancor por minha franqueza. Preferirias prolongar uma união que terminaria com a traição e a mentira? Sim, é verdade... Amo outro homem. Resisti a sua influencia o mais que pude. Parto esta tarde com elle, para longe, para muito longe. Não me procures, não tentes encon trar-me: não o conseguirias. Tu não te casarias commigo, não é verdade? Por isso, tanto faz que o rompimento tenha logar agora como mais tarde. Vivemos juntos tres formosos annos. Deite minha mocidade. Nada tens a censurar-me. Casa-te, e sê feliz. — *Fanny*."

GERMANO A SEU AMIGO ROGELIO

"SO' a ti posso dizer o que me occorre. Fanny acaba de abandonar-me. Junto a carta que elle me enviou. Nada te posso dizer. Não comprehendo. Nunca lhe neguei coisa alguma. Recusei casamentos excepcionaes para não abandonal-a. Vês para que serve tanto carinho quando a gente encontra uma louca... O lógico seria acceitar este rompimento. Mas não posso. Amo-a mais do que nunca. Quero saber os motivos desta separação. Não posso perseguil-a, exigir-lhe explicações que talvez não me désse. Diri jo-me, pois, a ti. Procura encontrál-a. Vocês eram bons amigos, e ella te dirá, certamente, coisas que a mim não confiaria. De qualquer maneira, quero que Fanny saiba que póde voltar, que estou disposto a perdoar-lhe. E's meu unico amigo. Só confio em ti. Teu desesperado e ansioso — *Germano*."

ROGELIO A GERMANO

"COMO te exaltas, querido amigo! Eu poderia dizer-te que o que te occorre é o melhor que te podia succeder. Mas, no estado em que te encontras, não comprehenderias. De resto, a conducta de Fanny é absurda. Todo mundo sabe, menos tú, que ella partiu com um professor de patinagem que conhecêra no Sporting Palace. Imagino, aliás, que, deante do estado de suas finanças, o casal não deve estar muito longe. Mas, por que correr atraz delles? Consola-te pensando que obtivéste tudo o que podias obter de Fanny, e acredita que ella não te esquecerá. Ha outras mulheres formosas na terra e tú tens os meios para conquistál-as... Não sentes nenhum desejo disso? Espera um pouco. Não mal que dure cem annos. Si queres ver-me, marca o encontro. Dar-me ás um grande prazer. Procura falar de outra coisa. E's livre, Germano! Pensa no que isso significa. O amor vale menos que a amizade, e tú pódes considerar-me teu amigo fiel. — *Rogelio*."

LUDOVICO CRETOIS (PAE DE GERMANO) A LAURA DE GALIBIER

"AMIGOS communs, querida senhora, interviram entre a senhora e eu. Elles devem ter-lhe dito que tanto para minha esposa como para mim seria um grande prazer casar nosso filho com sua encantadora filha. A' primeira vista, não me parece impossivel. A senhorita Suzanna é uma ceratura perfeita, nossas respectivas fortunas se equilibram e pertencemos á mesma sociedade. Mas creio que nosso projecto soffrerá um ligeiro retardamento. As informações que tenho me permittem saber que meu filho cultiva uma relação livre. E relação um pouco difficil de cortar, porque data de certo tempo. Mas confio no criterio e no bom senso de Germano. Quero que o rompimento seja completo, definitivo. Será questão de poucas semanas. Penso que a senhora conhece bastante a vida para não se surprehender por minha franqueza. Nossos respectivos administradores poderão entender-se, entretanto, e sentar as bases prematrimoniaes. Penso além disso, que tornaremos a encontrar-nos breve e tanto minha esposa como eu lhe enviamos, senhora, o testemunho de nossos melhores sentimentos, extensivos a sua encantadora filha. — *Ludovico Cretois*."

(*Cont. na pag. seguinte*)

O ABANDONO

(Continuação)

HELENA DE CRETOIS A SEU FILHO GERMANO

"HA bastante tempo, meu filho, que não te vejo. Chego a suppôr que *te impedem* de vir ver-nos pois não posso admittir que teu carinho haja diminuido. Seria, no emtanto, hora para formalizares tua vida: os amores da juventude devem ser passageiros. Teu pae e eu só estaremos tranquillos quando te virmos fundar uma familia *normal*. Actualmente, se apresenta um partido vantajoso: Suzanna Galibier, com quem, frequentemente, te encontraste em sociedade. Rompe tuas cadeias. Não te peço que sejas cruel, mas seria absurdo que um laço inconsequente mallograsse tua vida. Vem visitar-nos. Explicar-nos-emos melhor de viva voz. Teu pae e eu te abraçamos com todo nosso coração. — *Helena*."

SUZANA GALIBIER A SUA AMIGA MAGDALENA

"JÁ está decidido, querida! Acceito Germano Cretois. Tu o conheces? Elle vivia com Fanny Michard, a ex-bailarina do "Ambigu". Linda mulher, o que significa para mim um precedente lisonjeiro. Ella o deixou, ha um mez, por um professor de patinagem, com quem morre de fome em Barbizon. Pelo menos assim nol-o communica a agencia de informações... Dancei já uma vez com o Germano em questão, mas nenhum dos dois pensava, então, *nisso*. Elle é exactamente o typo de homem que me agrada. Não te direi que morreria de dôr si o projecto se desfizesse, mas experimentaria uma pequena desillusão. Vem amanhã, antes da hora do chá. Trocaremos idéas geraes. Beijos da *Suzana*."

GERMANO A ROGELIO

"VEM immediatamente! Minha familia quer casar-me! Mamãe pede-me que deixe *meus amores*. Creio que chegaria a abandonar Fanny, mas, agora que ella partiu, só penso nella, e a idéa de casar-me quando meu coração sangra por outra mulher me parece indigna, tanto mais quanto Suzana Galibier, a joven em questão, me é verdadeiramente sympathica... Mas, é impossivel! Em minha estupidez, chego até a passar horas inteiras na rua Jouffroy, sob os balcões de Fanny. Comtudo, não posso explicar aos meus, e muito menos aos outros, que só amo a uma mulher que me enganou e abandonou... Es-

---

O RAPAZ MEDROSO...

O rapaz que travasse conhecimento com Olga Beatriz ficaria logo fascinado com a sua incomparavel formosura.

Iniciava-se, então, o namôro, com os clássicos beijos ás escondidas no banco do jardim, os bilhetinhos marcando encontros que a creada protectora se encarregava de conduzir, as sessões de cinema nas quaes o joven amoroso era obrigado a pagar entrada para pelo menos uma pessôa além da deusa dos seus sonhos, os versos apaixonados em que se exaltava os dotes physicos e moraes da menina, e outras tantas pequenas coisas que qualquer individuo ferido pelas setas de Cupido pratica, na maior parte das vezes inconscientemente.

Helio, porém, fazia excepção á regra geral porque era muito timido e possuia uma verdadeira antipathia pelas questões amorosas. As pequenas diziam que Helio fugia dellas por lhes ter mêdo.

Um dia, em que Olga Beatriz se gabava de possuir innumeros namorados, suas amigas duvidaram que ella conquistasse o Helio. Para mostrar o que seria capaz de fazer, Olga Beatriz, que já havia tentado tantos outros, resolveu tentar tambem o rapaz que se mostrava completamente indifferente ás mulheres. Para isso, foi visitar as irmãs de Helio, afim de ter uma opportunidade de se encontrar com a sua pobre victima.

Lá chegando, quem veiu recebêl-a foi o rapaz, que, vermelho como um camarão e completamente sem geito, lhe disse:

— Queira sentar-se, senhorita Olga Beatriz.

Ia tentar dar sua escapúla, quando ouviu uma voz que lhe dirigia a palavra:

— Espere um pouco, Helio. Preciso falar com você. Vim aqui sómente por sua causa.

— Por minha causa?

— Sim, Helio, por sua causa. Sabe qual é a razão? Estou apaixonada por você. Como sei que você não iria á minha casa, vim aqui com o pretexto de visitar as meninas.

— Ellas sahiram, mas não devem demorar. Espere um pouco ahi. Quer lêr algumas revistas? Aqui estão as mais novas.

— Helio, aproveitemos os momentos em que estamos sós. Vamos conversar no jardim.

— Não; agora estou muito occupado. Depois quando as meninas chegarem, nós conversaremos.

— Você parece que está com mêdo de mim! Não sou nenhuma bicha papona.

— E' que sou um pouco acanhado, senhorita Olga Beatriz. Não costumo falar com moças. Dizem que tenho mêdo dellas, mas isso não passa de invencionice. Eu tenho medo é das seducções que ellas trazem comsigo.

— Si você nunca conversou com moças, converse commigo. Sente-se aqui, e não me trate mais de senhorita, que é serimonioso.

— Deixe-me em paz, Olga Beatriz. Nunca dei para namôro. Des-

Perco-te! Deves ajudar-me, amparar-me, assistir-me. Sou muito infeliz. — *Germano*."

FANNY A GERMANO

"QUERIDO, minha carta vae causar-te espanto. Para escrever-te, appello para minha grande confiança em ti. Ao abandonar-te, commetti a maior loucura da minha vida. Julguei amar. Não amava! No dia em que o hotel, tive a impressão de uma catástrophe. Lutei, suppuz que, para corrigir os sentimentos, bastasse um pouco de vontade. Hoje só sinto odio pelo que me arrancou de ti. E que vida! Estamos amarrados ao hotel, sem um centavo para pagar a conta. Elle me havia contado muitas historias: filho de familia, uma pensão mensal, vida commoda, heranças em perspectiva. Não foi por isso que o acompanhei. Mas, quando verifiquei que elle me havia mentido, tive a impressão de despertar de um sonho. Perdão por ter-te abandonado! Sei que não me esqueceste. Queres que eu volte? Escreve-me para Barbizon, posta restante, que eu correrei para junto de ti. Quanto a elle, que se arranje como possa. Não teve escrúpulos. Hei de tel-os eu?... Querido, conto os minutos aguardando tua resposta. E's todo o meu passado, todo o meu futuro! Adoro-te! Toda tua, só tua. — *Fanny*."

GERMANO A FANNY

"MINHA amiga, recebi tua surprehendente carta. Seria muito facil abandonar um amante e lamentar-se depois, dizendo: "Isso não tem importancia. Enganei-me." Deus sabe que soffri, mas hoje tenho a impressão de estar inteiramente consolado. Talvez desde o momento de receber tua carta. Mas, como não quero que me julgues egoista, envio-te um cheque de cinco mil francos para pagar o hotel e para que possas, ao regressar a Paris, refazer tua vida, mais uma vez. Dentro de quinze dias porei á tua disposição a mesma quantia, si então ainda estiveres em difficuldade. Não te prohibo que repartas esse dinheiro com teu patinador, embora, confesso, preferisse que elle não se beneficiasse com um só centavo meu.... Cordialmente. — *Germano Cretois*."

DOS JORNAES

"NA igreja de Saint-Honoré-d'Eylau foi celebrado, com uma affluencia consideravel de parentes e amigos, o casamento da senhorita Suzana Galibier com o senhor Germano Cretois. Os noivos embarcarão proximamente com destino ao Oriente, em longa e feliz viagem de nupcias."

ROBERTO DIEUDONNÉ

De Paulo Valladares

culpe-me a franqueza, mas, detesto as mulheres.

— Detesta as mulheres? Por que tamanha aversão?

— E' que ellas, na maior parte das vezes nos enganam.

— Ora, Helio, aproveite sua mocidade divertindo-se, porque, quando chegar a velhice, você não conseguirá recuperar o tempo perdido. Sou incapaz de enganar a uma pessôa a quem quero bem. Vamos, dê-me um beijo.

— Um beijo?! Nunca beijei na minha vida. Você está louca, Olga Beatriz?!

— Então, pedir um beijo é alguma loucura, Helio?! Será possivel que o que está você dizendo seja verdade? Não acredito.

Nesse interim, chegaram as irmãs de Helio. Este sentiu-se alliviado, porque com a vinda das duas amigas, Olga Beatriz o largaria. Inventou uma desculpa qualquer e retirou-se.

— Estamos ansiosas por saber o resultado da entrevista. Então o nosso homem cahiu na teia da sua tentação? Você ganhou a aposta?

— Vocês estragaram o plano. No momento precioso, em que eu ia insistir que me beijasse, vocês entraram. Agora elle não voltará mais aqui. Ingratas, eu tinha me apaixonado por elle! A principio, agi de brincadeira, mas depois, á proporção que ia lhe falando, verifiquei que o amava — disse Olga Beatriz, choramingando.

— Essa é bôa! Você queria levar o negocio na brincadeira, e sentiu-se dominada pelo bichinho amor, hein?!... Com esta é que não contavamos.

— Tive uma porção de namorados, mas nenhum me impressionou tanto como Helio. E' o rapaz que me convém. Vou pedir-lhe desculpas por ter zombado delle.

Helio, que ouvira tudo, pois estava no aposento contiguo, appareceu dizendo:

— Olga Beatriz, desejo fazer-lhe uma confissão. Vocês retirem-se um pouco falou, dirigindo-se ás irmãs; — nós queremos ficar alguns instantes a sós.

— Que? Como estás mudado, Helio. Olga Beatriz virou-te a cabeça? Será possivel?! — responderam as irmãs, sahindo.

— Não posso occultar mais a verdade. Eu, que nunca me interessára por mulheres, quando a vi na hora de sua entrada, senti um verdadeiro arrebatamento. Como diziam que eu era um bôbo, procurei manter-me como tal, e você acreditou. Interiormente, exultava de contentamento por estar representando bem o meu papel. Mas agora vejo que é impossivel occultar-lhe a verdade. Olga Beatriz, estou no mesmo estado que você. Quer casar-se commigo?

— Bravos! — gritaram as irmãs, do outro aposento.

— Apresento-lhes, senhoritas a minha noivinha. Podem entrar. Então vocês pensavam que eu era um *trouxa*, hein? Vou pedil-a a seu pae agora mesmo.

E apanhando o chapeu, sahiu numa carreira doida em direcção á casa de Olga Beatriz...

O CHEQUE

PAULO e Ninon, que tinham embarcado no vaporzinho que faz a carreira para Saint-Cloud, seguiam com o olhar, distrahidamente, as chatas de carga arrastadas pelos rebocadores.

A agua reflectia a roda ignea do sol. As arvores, reverdecidas, decoravam as margens do rio com uma cinta nova de verdura.

Ninon, radiante, exclamou:

— Que dia esplendido!

— O céu de primavera é delicioso...

— Não vaes hoje ao escriptorio?

— Eu? Não!...

— Isto não é razoavel. Acarretará uma nota má para ti.

— Não. Arranjar-me-ei com o chefe...

— Realmente, não tenho o direito de fazer-te observações neste sentido, pois eu tambem não irei hoje ao *atelier*.

— Pelo menos avisaste.

— Sim. Mandei dizer que estava doente.

— Comtanto que a falta não te traga complicações.

— Oh, não! Que vá ao diabo o trabalho! Hoje, faço de collegial em férias. Não é verdade, querido?

Um silvo agudo fez silenciar o ruido das machinas e o vaporzinho nas aguas quiétas veiu arrimar-se á cinta do cáes.

Subiram varios passageiros e a viagem continuou:

— Almoçaremos em Saint-Cloud?

— Sim. Conheço alli um pequeno restaurante...

— Não faças loucura, sobretudo...

— Não tenhas medo. Ganhei com alguns trabalhos extra-escriptorio.

— Eu não me incommodo de almoçar até num boliche desde que estejamos juntos...

— Minha pequena Ninon!

Ella estendeu-lhe os labios, ao sol, em pleno publico, com a bella inconsciencia propria das apaixonadas.

Felizmente, para o pudor collectivo, o vaporzinho passava nesse momento por baixo do arco de uma ponte...

Um frescor de caverna subiu da agua cinzenta e agitada em torno dos pilares.

Pouco a pouco, o rio parecia alargar-se.

Debuxava-se por traz do fumo das fabricas o contorno gracioso das collinas.

— O campo! — exclamou Ninon, para quem a menor folhagem era a natureza inteira.

Paulo pôz-se a rir.

— Que dirias então si visses o mar?

— Tu já o viste?

— Algumas vezes.

— Como, algumas vezes?

— Sim. Na minha infancia... quando a minha familia vivia na Bretanha.

— E as montanhas?

— Ah! As montanhas... São outra coisa, mas igualmente bella.

— Já estiveste lá?

— Sim, isto é...

— Então tens viajado muito...

— Fui caixeiro viajante durante dois annos.

— Ah! Foi quando, então...

— Sim, pequena... Mas já chegamos. Desçamos logo e vae embriagar-te de verdura, passaro fugido de Paris...

II

PAULO BONNETIÈRE encontrava-se bastante embaraçado com o papel que se propuzéra desempenhar.

Filho de banqueiro, millionario, Paulo travára amizade com uma modista da rue de la Paix, num dia em que vestia um traje muito simples, que não dava idéa da classe a que pertencia.

Seguiu Ninon, que levava uma caixa debaixo do braço e uma flôr segura entre os dentes. Dirigiu-lhe a palavra, acompanhou-a e convidou-a a jantar, no dia seguinte, em sua companhia, conservando sempre o mais rigoroso incognito.

Por que essa reserva?

Paulo sentia-se aborrecido; cançado de tantos caprichos brilhantes, mas que só se realizavam com muito interesse. Tinha ansia de sentimentalismo. E julgava ter achado em Ninon a interprete sonhada desse genero de affeições.

Quando chegou o momento das confidencias, Paulo declarou chamar-se Darmel e ser empregado do Banco Bonnétiere.

Ella contou a sua historia simples, a historia de todas as raparigas dos arrabaldes e a sua aprendizagem como modista.

E assim acabaram num desses amores sentimentaes, que estão voltando á moda, mas que era singularmente emotivo para um individuo cançado como Paulo.

Pela primeira vez se sentia amado sem a pesada aureola da sua fortuna. Deixára o seu passado no guarda-roupa... Adorava Ninon como a uma fada — fada maravilhosa, que o fazia esquecer o seu prestigio de homem demasiado rico.

Mas, naquella noite, depois da sua fugida para Saint-Cloud, censurava intimamente o seu egoismo.

— Desejo que me amem por mim mesmo, é claro. Mas por que hei de fazer supportar a Ninon os inconvenientes desta situação? Ella é encantadora e sincera, duas qualidades que raramente se encontram juntas. Por outro lado, não posso revelar-lhe o meu verdadeiro nome, sem risco de comprometter tudo... Não. Quizéra fazer chegar algum dinheiro ás suas mãos, sob o segredo de um anonymato... Sim. Mas como? Ah! Póde ser... Sim... seria uma maneira facil...

Foi ao telephone.

— Montesquieu 23-48... Olá! E's tu, Gerardo? Estás livre esta noite? Pódes chegar até aqui? Bom... Espero-te logo.

Paulo accendeu um cigarro e extendeu-se num divan.

Vinte minutos mais tarde, Gerardo Venal estava no apartamento do seu amigo.

— Que ha? Tens necessidade de mim?

— Sim.

— O teu chamado telephonico me inquietou... E' coisa grave?

— Tira o sobretudo, accende um cigarro, enche este calice de licôr e ouve...

— Prompto. Obedeço-te militarmente.

— Vou revelar-te uma historia inverosimil... Não sorrias... Depois saberás o que eu quero de ti.

Paulo relatou o seu encontro com Ninon. O desejo de occultar-lhe o seu nome; a situação da moça; os inconvenientes que acarretava para elle a permanencia desse incognito.

— Tu comprehendes... E' muito delicado. Ninon acredita que eu

sou um simples empregado. Eu não quero rasgar o véu que me encobre. Si invento a historia de uma herança imprevista, converto-me em herói de novella, em namorado rico e isso não me interessa. Quero ser amado na sombra, mas desejo dar dinheiro a Ninon... E pensei em ti...

— Eu?

— Sim, tu. Dar-lhe-ás discretamente o dinheiro que eu não me atrevo a offerecer-lhe.

— Mas como? Eu não vejo uma maneira...

— Evidentemente. E' preciso arranjar a fórma...

— Não é nada agradavel. Afinal, com que razão hei de levar-lhe esse dinheiro?

— Não sei...

— E' muito delicado, meu velho. Reflecte...

— Já reflecti. Eu creio que o mais simples seria ir vêl-a, falar-lhe de um admirador desconhecido, em nome do qual lhe entregarias alguns cheques.

— Esse recurso não depõe muito a teu favor.

— E' um meio de experimental-a.

— E si ella recusar?

— Tentaremos outro meio.

— Sim. Póde ser...

— Então, acceitas?

— Por tua causa... Porque és muito perigoso.

— Como?

— Poderias replicar-me com um par de bofetadas...

— Não!... Mas voltemos ao caso. Entregar-te-ei um cheque... um cheque que lhe imponha respeito.

— Nestas circumstancias...

— Vou dar-te as informações necessarias. Eis aqui um cheque de cincoenta mil francos, que collocarão Ninon numa situação financeira razoável, livrando-a de necessidades. Poderás entregál-o em duas vezes.

— Não. Não quero voltar duas vezes á sua presença. Desde que acceito esta missão delicada, quero resolvêl-a de uma vez. Entretanto... onde posso encontrar essa Ninon?

— Olha: conheces a "Casa Font", na rua de la Paix? Bem. Has-de encontral-a ao meio-dia...

III

Dez dias depois dessa conversação, Paulo Bonnetière passeava desordenadamente pelo seu apartamento. Gerardo não mais lhe apparecera e Ninon devia estar doente, porque nunca mais apparecera na "Casa Font".

— Que significa este silencio?

Vinte vezes Paulo ligára para — Montesquieu 23-48. Ninguem attendia. Irritava-se em vão deante do apparelho... Mas nesse momento bateram á porta do quarto.

— Entre!

O creado extendeu-lhe uma bandeija, na qual havia uma carta.

— Quem trouxe isto?

— Um mensageiro, senhor.

— De onde?

— Não perguntei, senhor.

— Está bem. Retire-se.

Reconhecêra a letra de Gerardo. Rasgou febrilmente o envelope, e leu:

"Meu querido amigo.

"Vou-me embora. Cumpri até muito bem a minha missão. Partimos, Ninon e eu, para o estrangeiro. Não me maldigas... Encontrarás cincoenta... cem mil occasiões parecidas... Mas eu? Olha: é a primeira vez que me sinto amado por mim mesmo e não tenho os teus argumentos... Sem rancor. — Gerardo".

RAYMOND GENTY

O CACHIMBO

No dia 16 de fevereiro do anno de 1840, o senhor Voral abriu seu armazem denominado *O Anjo Verde.*

— Escuta Poldi — disse a esposa do capitão do andar de cima á senhorita sua filha, que se preparava para ir as compras e já se encontrava no corredor:—comprra o macarrão no armazem novo. Póde se experimentar.

Muitas pessôas de escassa seriedade pensarão, talvez, que a abertura de um armazem não é um acontecimento excepcional. Mas, a quem se permittir semelhante idéa, me limitarei a responder: "Infeliz!", ou apenas encolherei os hombros sem dar resposta alguma.

Naquelle tempo, o camponez que chegava a Praga depois de vinte annos de ausencia e, entrando pela porta de Strahovska se punha a andar pela rua Ostuhova, via na mesma esquina o mesmo merceiro de vinte annos atraz o mesmo padeiro na mesma padaria e o mesmo vendedor de roupas velhas na mesma casa. Então toda coisa tinha seu logar fixo, e abrir de repente um armazem onde, por exemplo houve uma tinturaria, era facto tão absurdo, que a ninguem occorreria. Uma casa commercial se herdava de pae a filho e si, por acaso, passava ás mãos de um recem-chegado de outro bairro de Praga, um dos arredores, os vizinhos não o consideravam um estranho de todo, porque se submettia e sufficientemente a seus costumes e não os confundia com novidades. Mas o senhor Vorel não só era uma pessoa completamente estranha, mas tambem, para cumulo, se permittira abrir seu armazem na casa *O Anjo Verde*, onde nunca houve negocio de especie alguma, e mandára derribar um pedaço de parede, sobre a rua, no andar de baixo. Ali existiu sempre uma janella de arco, junto á qual, da manhã á noite, permanecia sentada a senhora Stangkova, com o livro de orações na mão e uma fazenda verde sobre os olhos: quantos passavam a viam. Essa pobre velhinha viuva fôra levada ao cemiterio havia precisamente um anno, e eis que, agora.... Para que abriam aquelle armazem? O bairro já contava com outro na rua Ostruhova. Realmente estava um pouco retirado, no fim da rua. Mas, para que mais um? Por outro lado, quasi todo mundo tinha suas economias e adquiria suas provisões no moinho. Provavelmente, o senhor Vorel pensou: "Sahir-me-ei bem de qualquer maneira". E, talvez considerasse tambem, satisfeito que era um bello rapaz, alto, esbelto, de cara cheia, de olhos azues um tanto sonhadores, e ainda por cima solteiro: essa circumstancia deveria attrahir as cozinheiras jovens da vizinhança.

Mas seus calculos sahiram errados.

Fazia já tres mezes que o senhor Vorel se installára na rua Ostruhova. Procedia de alguma aldeia. Isto, e que era filho de um moleiro constituia tudo o que sabiam delle. O resto elle mesmo teria contado e, certamente, com muito prazer, si alguem lho houvesse perguntado. Mas todos lhe demonstravam um orgulho de indigenas: era um forasteiro, um estranho. A' noite, ia passar o tempo na *Casa Amarella*, onde bebia um copo de cerveja, sempre só, sentado a um canto junto á estufa. Ninguem lhe dava attenção. E quando elle cumprimentava, lhe respondiam com uma leve inclinação de cabeça. Quem chegasse depois o olhava como si essa pessôa estranha se encontrasse alli pela primeira vez. Si elle chegava tarde, costumava suspender a conversação. Nem siquer lhe fizeram caso no dia anterior; e fôra uma festa tão cordial! Com effeito, o senhor Jamarka era solteiro, mas naquelle dezoito de fevereiro se completaram vinte e cinco annos depois do dia em que pouco faltar para que se casasse. A noiva morreu na vespera da data fixada para o enlace, e o senhor Jamarka não mais pensou em se casar durante esses vinte e cinco annos. Permaneceu fiel a sua primeira noiva e a idéa das bôdas de prata era séria. Seus companheiros e conhecidos de cervejaria, bôa gente toda, não o acharam nada estranho, e quando, depois de beber como de costume, o senhor Jamarka desembrulhou o pacote que continha tres garrafas de vinho de Mjelnik, todos brindaram com perfeita sinceridade. Os copos passaram de mão em mão — a casa só tinha dois copos para vinho, mas nenhum delles chegou até a pequena mesa do senhor Vorel. E, no emtanto, o senhor Vorel ostentava, nesse dia, um bello cachimbo de espuma, flamante, todo cinzelado a prata, que havia comprado de proposito para parecer um bom vizinho.

A 16 de fevereiro, ás seis da manhã, o senhor Vorel abriu, pois, seu armazem *O Anjo Verde*. Desde o dia anterior, toda coisa se encontrava em seu logar e o estabelecimento reluzia, branco e novo. Nos compartimentos e nos saccos transbordava a farinha mais branca que a parede recem-pintada de branco. Homens e mulheres

ao passar, olhavam com attenção, e mais de um se detinha um momento para ver melhor. Mas ninguem entrava.

— Hão de vir... hão de vir... — pensava, assim por volta das sete, o senhor Vorel, vestido com um casaco cinzento ajustado, e calças brancas.

A's oito horas, disse comsigo:

— Logo que comece algum...

Accendeu o cachimbo novo e se poz a fumar.

A's nove se plantou na porta e olhou impaciente para um lado e para outro da rua, afim de ver si divisava esse primeiro freguez que tanto tardava. Precisamente se aproximava nesse momento, a filha do capitão, a senhorita Poldina. Era uma moça gorda, um tanto baixa, espaduas amplas, que já passára dos vinte havia algum tempo. Dizia-se que quatro vezes estivéra na imminencia de casar e seus olhos assumiam já essa expressão de indifferença, talvez de cansaço, que adquirem as moças quando o bemdito marido tarda em chegar. Sua maneira de andar se parecia, de certo modo, com a dos patos e se caracterizava, além do mais, por um phenomeno particular: a senhorita Poldina tropeçava a determinados intervallos e levava a mão á saia ,como si a houvesse pisado. Esse modo de caminhar fazia-me pensar em um longo poema épico dividido em certo numero de estrophes todas com igual quantidade de pés. O olhar do commerciante se deteve na senhorita Poldina. Esta trazia uma pequena cesta pendurada no braço. Ao chegar levantou a cabeça e com expressão de surpreza, olhou o estabelecimento. Depois de transpor a porta, se deteve de repente, levando vivamente o lenço ao nariz. O senhor Vorel, de aborrecido ou impaciente, levára todo o tempo a fumar, a fumar... Um cheiro intenso de fumo enchia o local.

— Beijo-lhe a mão, respeitosamente. Em que posso servil-a? — perguntou, muito solicito o senhor Vorel, dando dois passos para traz e deixando o cachimbo sobre o mostrador.

— Dê-me dois kilos de macarrão — disse a senhorita Poldina, voltando-se para a porta.

O senhor Vorel pesou dois kilos dentro de um sacco de papel, e ajuntou meio kilo mais, emquanto dizia:

— Espero que a syympathica senhorita ficará satisfeita.

— Quanto é? — perguntou a senhorita Poldina, contendo a respiração, o que provocou um espirro.

— Quatro *dobraks*. Isso mesmo. Beijo-lhe respeitosamente a mão. Primeiro freguez: uma sympathica senhorita. Não ha duvida que terei bôa sorte.

A senhorita Poldina olhou-o entre surprehendida e offendida. Um dono de armazem recem-chegado á cidade e que poderia dar-se por feliz casando-se por exemplo, com Anusa, a filha do vendedor de sabão e que, no emtanto se permittia... Retirou-se muito séria e sem responder uma palavra...

De J. Neruda

O senhor Vorel esfregou as mãos. Foi novamente á porta e dessa vez seu olhar se encontrou com o mendigo Vojtisek. Um momento depois, Vojtisek se detinha na porta com o gorro azul na mão.

— Aqui tem um *dobrak* — disse-lhe o caritativo senhor Vorel. — Venha todas as quartas-feiras.

Vojtisek agradeceu, sorrindo, e partiu.

O senhor Vorel esfregou de novo as mãos, e disse, de si para si:

— Parece-me que, quando olho fixamente uma pessôa, essa pessôa se vê obrigada a entrar no meu estabelecimento...

Precisamente nesse momento, a senhorita Poldina conversava com a mulher do conselheiro Kdojek, á entrada da *Taverna Azul*, e dizia-lhe:

— Ali naquelle armazem ha um cheiro horrivel de fumo.

E quando ao meio dia se serviu em sua casa o macarrão, a senhorita Poldina declarou, decidida, que estava com gosto de fumo, e deixou de lado o prato.

Antes de chegar a noite, os vizinhos commentavam que no armazem do senhor Vorel não se podia estar por causa do cheiro de fumo, que tudo, ali, cheirava e tinha gosto de fumo. Desde então, começaram a chamar o senhor Vorel o *homem do cachimbo*. Sua sorte estava decidida.

Entretanto, o senhor Vorel nada suspeitava. No primeiro dia as entradas foram insignificantes: paciencia! No segundo e no terceiro, deante de um resultado igualmente insignificante pensou: "E' questão de tempo... O negocio é novo..." Ao cabo de uma semana as entradas não sommoram siquer um par de florins e o senhor Vorel não poude reprimir uma palavra de indignação.

E assim continuaram as coisas. Nenhuma pessôa do bairro entrava no armazem e só por acaso apparecia alguma de outro bairro.

Só quem o frequentava assiduamente era o mendigo Vojtisek. E o cachimbo constituia o unico consolo do senhor Vorel. Quanto maior era seu máo humor, tanto mais densas eram suas baforadas. As faces do senhor Vorel torna-

(Cont. na pag. seguinte)

ASSOMBRAÇÃO

(Continuação do numero anterior)

Quando o rio tomava uma aguazinha qualquer com as chuvas de janeiro ou esborrava do leito nas aguas nóvas de maio, Fonseca andava de déo em déo com a tetéa em punho, pegando carás deliciosos, esplendidas traíras e saborosos sabararús para as muquécas de lamber o beiço.

Era a colheita das aguas vindas de cima, quarádas de peixes daquelles bréjos.

Mas as gostosas traíras do Gulangy eram a sua fascinação.

Um dia, sahiu de casa á boquinha da noite, em demanda do braço hybernal do Mandaú, entre o *Tabocal* e o *Duarte*, muito acima do *Itamaracá*.

Corrigiu os chumbos da tarráfa e examinou toda a tessitura do fio vermelho da rêde, tingida de angico.

Ali na ponte do trem de ferro, lá em baixo onde o riacho grita, saltando nas pedras, era onde ia fazer a sua pescáta, longe do vozerio da cidade, ouvindo apenas a cantiga monótona das aguas a bater nas rochas e o foi-não-foi teimóso dos corurús ou os bum-buns macabros dos sapos bóis.

Bem na confluencia do rio com o riacho, a varzea estrangulava-se numa garganta, fazendo um cotovêlo sobre a corrente larga que se comprimia para a outra margem, onde o Alto dos Morros começava a erguer a grimpa que ia morrer, escarpada e eminente, ao sul da cidade com um cruzeiro perdido no meio das pedras escuras, de braços abertos, como a pedir a misericordia de um nicho que o protegesse do sol e da chuva.

Batidas do lado da montanha, as aguas encurvavam-se para o lado opposto, coberto de ingazeiras, onde o alveo começa a empedregar-se até formar numa depressão brusca a pequena cachoeira do Coral.

Da planicie fronteira uma lage mais heroica vinha botar a cabeça de fóra no meio do rio, formando uma ampla bacia de agua morta, incomparavel para a pesca de jereré, de puçá e de tarrafa.

Nesse recanto solitario e silencioso Fonseca passava das sete horas da noite a uma da madrugada, assobiando em surdina arias folklóricas que em casa, na sua rabequinha, tirava habitualmente:

Sapo cururú...
Da beira do rio,
Não me botes nagua,
Maninha,
Que eu morro de frio...

Pelo sopé do morro o caminho vinha sobranceando as aguas até destambocar de chofre nesse remanso

---

vam-se cada vez mais pállidas e sua fronte se marcou com um vinco accentuado e constante. Só o cachimbo de espuma, mais negro dia a dia, parecia desfructar de bem-estar. Os agentes de policia, ao passar, em suas rondas, á frente do armazem, lançavam para o interior um olhar de receio e de curiosidade, quasi dispostos a interpelar esse fumante infatigavel... Si ao menos elle viesse á porta... Sobretudo um delles, o meúdo Novak, pagaria quem sabe quanto para fazer lhe saltar o cachimbo de um tabefe. Instinctivamente, partilhavam da antipathia dos vizinhos pelo forasteiro. Mas o senhor Vorel não sahia á porta. Permanecia immovel e melancolico atraz do balcão.

E o armazem cada vez mais desolado e mais pobre... Ao cabo de cinco mezes começaram a visitar

O CACHIMBO

(Conclusão)

o senhor Vorel judeus de typo suspeito. E toda vez que entrava um desses visitantes, se fechava a porta de vidro do negocio. Os vizinhos affirmavam que dentro em pouco haveria no bairro uma fallencia.

— Quando um negociante entra em trato com os judeus...

No dia de São Paulo se dizia que o senhor Vorel já havia recebido a ordem de despejo e que o dono da casa pensava em transformál-a de novo em habitação.

Na vespera do despejo, o negocio permaneceu fechado e no dia seguinte, desde as nove da manhã até o anoitecer, houve um grupo de pessôas á porta.

Dizia-se que o dono da casa, não conseguindo pôr-se em communicação com o senhor Vorel, mandára forçar a porta por intermedio da policia.

Com effeito, aberto o armazem, rodou uma cadeira e no vão da porta appareceu, balançando-se, o cadaver do infortunado commerciante, pendurado de uma viga.

Por volta das dez horas, chegaram os funccionarios policiaes e penetraram no negocio pelo interior da casa. Retiraram o suicida: o proprio commissario, senhor Uhmuhl, auxiliou os subordinados nessa tarefa. Ao fazêl o, metteu, sem querer, uma mão no bolso do casaco do senhor Vorel e tirou um cachimbo. Examinando-o á luz exclamou:

— Nunca vi um cachimbo tão bem fumado...

De Maciel - Filho

descoberto, onde, nessa noite, o luar punha uma claridade limpida e metalica. Havia muito déra meia noite, pois a lua já ia quasi a esconder-se por tráz das escarpas alterosas, para os lados do *Cansanção*.

Um plácoplaco de alpercatas quebrava no chão duro do caminho o silencio deserto.

Fonseca, para estar mais a commodo e evitar os maruins nas canellas, vestira, por cima da calcêta e da camiseta, um chambre compridão de algodãozinho, e olhando de quando em vez o circulo vermelho que se formava em torno da lua, prenunciou um dia seguinte de sol maravilhoso.

Braceava de vez em quando a tarráfa, e vinha aos poucos puxando e colhendo as malhas, onde se debatia o cardume das traíras e jundiás.

Quando pegava um mussú langanhento, só se lembrava do gôsto esquisito do tenente Gomes e da Maria Guardiã que dava tréz óvos de gallinha por um peixe daquelle, peganhento que nem cobra, preto e horrivel que fazia embrulhar o estomago.

Com a assuáda soturna dos chumbos da tarráfa na agua, o caminhante estremeceu e-parou.

Fonseca estava de cócares e de cócaras continuou a sua pachorrenta apanha de peixe para o grajáo.

Olhou de soslaio, e num repente reconheceu a covardia empacada do Manoel Miranda, com mêdo de dobrar a curva da estrada e vencer os tréz lanços da ponte.

Levantou-se e tornou a lançar a tarráfa, e depois do *chuá* prolongado dos chumbos na agua viu o famoso arruaceiro *matador* de judas nos sabbados de Alleluia e tomador de fogueiras de Santo Antonio a São Pedro, em toda aquella redondeza, tirar o chapéo na attitude espantosa de quem espreita.

O mofinão acovardado reconheceu na marmóta uma alma do outro mundo.

Nunca *requerêra* uma visagem!

Mas em nome de Deus... Ia falar em nome de Deus, sabe Deus como, e com que força na voz, Madona e gága, com a lingua a inchar-lhe na bôca!

Afinal, ia arriscar sempre.

Tentou mais uma vez e não teve coragem.

Persignou-se, tornou a benzer-se, pensou em Deus e bradou uma após outra as tréz perguntas rituáes em casos semelhantes:

— Irmão, quem póde mais do que Deus?

A *visão*, machiavelica, continuou tarrafiando na sua displicencia.

— Irmão, quem póde mais do que Deus?

Torna o Fonseca a jogar na agua os chumbos da rêde, emquanto Manoel Miranda fazia das tripas coração para *requerer* de novo.

Si antes da terceira pergunta a visão respondesse, não vinha em nome de Deus.

Só Deus sabia como Miranda já fizéra a segunda invocação. A terceira é que era o diacho! Teria coragem de ouvir a voz cavernósa daquella alma penada? Fincava-se nas pernas e rezava, com os cabellos eriçados. Tinha de ganhar aquella graça divina e salvar aquelle pobre penitente, que achára nelle o redemptor das suas penas!

Benzeu-se de novo, e em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, desatou:

— Irmão, na hora de Deus Amen, eu te *arrequêro!* Longe de mim sete braças, e em nome de Deus e das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, *dizêis o que quêis!*

Fonseca abriu o sacco das patranhas, respondendo por cima do hombro, com a voz mais fanhosa do outro mundo:

— Eu quenro en pen... en... xe!

Manoel Miranda arrancou para tráz, arrepiando caminho e, na mais pavorosa das carreiras, com os calcanhares a bater no sedem, venceu num instante os tréz kilometros da estrada de ferro, chegando em casa esbaforido, com os cabellos empastados de suór e sem fala cahiu.

No outro dia, logo cedinho, a Zabé Moreno foi chamar o velho Fonseca para curar o Manoel Miranda, que estava de peito aberto, de uma carreira *daniscu* e de um susto *timive* que tivéra de um *pantarma* na ponte do Gulangy...

(*Dos "Contos e Cantos de Minha Gente".*)

O VENDEDOR DE CADAVERES

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Tudo isso são asneiras! retrucou vivamente o patrão, vão sentar-se socegadamente. E' alguem que quer propôr um negocio a um de vocês. E's tu, Barneby Crane, que o homem procura.

— Eu?

O homem que pronunciou este "Eu" num tom inquieto e encantado ao mesmo tempo, dir-se-ia um gigante.

Devia ter tido noutro tempo uma força herculea, pois sob o casaco verde-escuro, remendado e sujo que vestia, desenhavam-se ainda musculos respeitaveis.

Mas o rosto emmoldurado por uma barba grisalha, apresentava essa pallidez suspeita que só o ar comprimido de uma prisão cellular póde dar ao rosto humano.

E o olhar receioso, anda que vivo, que fitava em alguem, era exactamente o do prisioneiro que julga ter sempre que desconfiar de todos que encontra em seu caminho.

— Vae ahi dentro, disse a Crane o dono do Covil dos Tigres, parece-me que vaes ganhar dinheiro hoje. Mas nada de atacr o homem. Se o quizers fazer pelo menos que não seja no estabelecimento.

Entrtanto o patrão tirara do armarinho uma garrafa coberta de teias de aranha, pegara em dois copos e entrou precedendo Crane no quarto contiguo.

Pousou a garrafa e os copos sobre a mesa diante do singular cliente e depois designando Crane que se conservava á porta, disse:

— Aqui está o homem.

— Os meus melhores agradecimentos, tornou o sabio segurando as lunetas. Agora tenha a bondade de me deixar só com este senhor. Sente-se defronte de mim, meu querido amigo, disse o sabio ao sinistro frguez do "Covil dos Tigres". Chama-se Barneby Crane não é assim?

— Como sabe o meu nome? perguntou o criminoso vivamente.

— Disseram-m'o na prisão. Não é verdade que sahiu de Newgate ha quatro semanas? Passou ahi seis annos, não é exacto, meu amigo?

— Que o diabo me leve se não te enterro já todos os dentes no pescoço, e se me tornas a lembrar isso! exclamou Barneby Crane precipitando-se sobre o sabio.

Estendeu as mãos semelhantes a garras como se quizesse apertar-lhe o pescoço.

Mas o homem do chapéo alto, que o não tirara, conservou-se sentado e limitou-se a segurar com ambas as mãos o guarda chuva que colocara sobre os joelhos.

Os seus olhos pousaram-se tranquillo e firmes nos do criminoso, fitando-o com tão profunda intensidade que elle olhou para o lado, embaraçado.

— Não tem necessidade alguma, Barneby, continuou suavemente o sabio, de se agastar por esse motivo, tanto mas quanto venho propor-lhe um negocio, que, por assim dizer, tem certa relação com a sua estada em Newgate. Mas, meu amigo, sente-se defronte de mim e permitta-me que lhe offereça um copo de vinho. Espero que o patrão me désse do melhor.

Tudo isto foi dito num tom calmo que Barneby perdeu pouco a pouco o furor e a desconfiança.

Deixou-se cahir numa cadeira defronte do desconhecido e enguliu avidamente o primeiro copo que aquille lhe serviu.

— Primitta que eu tambem me apresente. Sou o dr. Guliver Parker. E' esse o meu nome; sou medico e entreguei-me com afinco ás pesquizas medicas. A minha especialidade é a cirurgia e particularmente o estudo do coração. Sabe talvez, meu caro amigo, ainda que não seja muito versado nestes assumptos, que ainda se não fizeram, por assim dizer, operações no coração. Evita se, com o escalpello aproximar muito de perto deste orgão vital do nosso corpo que é todo de musculos; mas creio ter descoberto o meio de realizar a operação no proprio musculo.

O sabio exprimia-se com volubilidade e a maior calma emquanto Barneby Crane o fitava espantado, como se estivesse ouvindo um chinez.

— Mas que tenho eu com isso? — disse por fim, impaciente.

— Vae já comprehender meu amigo, retorquiu o dr. Guliver, bem deve comprehender que para os meus estudos careço de um corpo humano; numa palavra... é necessario que me arranje um cadaver...

A MARIA DA CONCEIÇÃO

Quero-te linda: que jamais se veja
Formosura maior, — que em ti resida,
Qual já tens, essa graça indefinida
Que o meu amor de pae te quer e almeja.

Quero-te pura: e de tal sorte seja
Tua pureza, á devoção unida,
Que fiques santa, que se possa, em vida,
Entre outras santas collocar na igreja.

Quero-te bôa: — pelo teu caminho,
Levando algum confôrto, algum carinho,
Aos lares que a alegria abandonou...

Quero, com tua mãe — assim nos ouça
Deus — que, mais tarde, quando fôres moça,
Encontres este amor que ella encontrou!

SEBASTIÃO NORONHA

Barneby ergueu-se sobresaltado, estendeu a mão para recusar e gritou numa voz rouca:

— Ah! ah! imagina que tenho vontade de voltar para o degredo. Se estivesse mais seis mezes em Newgate era um homem perdido! Não, senhor, e ainda que puzesse cem libras aqui sobre esta mesa, não acceitaria o negocio!

— Esperava isso mesmo, volveu tranquillo o dr. Gulliver, mas sente-se. Mais um copinho, não quer? O vinho podia ser melhor, não lhe parece? Agora, ouça o que tenho ainda para lhe dizer. Ouvi falar em Londres de um homem que se entrega ao commercio de cadaveres. Mas... não se inquiete, deixe-se ficar sentado! Poderá ganhar dez libras, sem que para isso, como se costuma dizer, metta a mão na massa, se me informar convenientemente. Diga-me, não ha um homem que vende cadaveres?

— Disse dez libras, suspirou Barneby offegante, e sem que tenha que abrir um tumulo?... Pois bem, sim, esse homem existe.

— Que genero de cadaveres tem elle?

— De todos os generos, tornou Barneby mas não se deve crer que provenham todos dos tumulos. Esses são em pequeno numero.

— Tanto melhor! Não quero ter negocios com essa canalha, que receia a luz, com esses sinistros "ladrões de mortos". Conheço-os bastante, meu velho, esses negociantes de cadaveres, que se associam secretamente com os coveiros, durante as noites pallidas de luar, e violam o silencio solenne dos cemiterios para as suas especulações nefastas e lucrativas... Não! Não! Isso não, meu velho! Mas não esteve já o meu amigo em relações com esse individuo, de que me fala? Não vale a pena negar. Já soffreu o castigo por isso e depois... tenho o todo de policia? Sou apenas um sabio socegado, bem feliz se attingir o meu fim encontrando um cadaver para os meus estudos scientificos.

— Sim, já tive relações com elle, disse o criminoso em voz baixa; mas o homem compra de preferencia os corpos que acabam de ser tirados do Tamisa.

— Deitam-n'os então para lá com esse fim? Isto é, que os vivos...

— Ha tambem os que fazem cadaveres, replicou Barneby: qualquer creança de Whitechapel lh'o explicará. Não lhe confio nenhum segredo dizendo-lhe que os "sundbagmen" (1) se occupam em fazer cadaveres. Entontecem o transeunte solitario com uma paneada dada com um sacco de areia no craneo. Conservam-n'o em seguida debaixo d'agua até que se afogue, depois vendem o cadaver não sem lhe terem previamente alliviado as algibeiras. Mas, senhor, juro-lhe, nunca fiz parte dos "sundbagmen"; nunca exerci semelhante mister.

— Bem sei, disse o dr. Parker; abriu tumulos e destruiu caixões. Não é realmente tão grave.

— Não lhe parece?... Tenha a bondade, encha-me outro copo?

— Com muito gosto, replicou o sabio, que mal tocara com os labios no seu copo.

— A' sua saude, meu amigo.

— A' sua, parece-me bem amavel.

— Agradeço-lhe o cumprimento, mas voltemos ao nosso assumpto. De sorte que o negociante compra de preferencia os afogados?

— Não se restringe absolutamente aos afogados, respondeu Barneby; exige apenas que o cadaver esteja ainda fresco. Tanto pode ser uma pessoa morta de frio, ou victima de um accidente ou... ha tambem bastante gente pobre que leva para a casa do negociante de cadaveres os parentes fallecidos...

— Diabo, ignorava ainda isso! Acredita que haja familias pobres que vendam os seus mortos em vez de os enterrar?

— Affinal, o que podiam fazer de melhor? Um enterro é muito caro e quando se mette o morto na cova ninguem ganha nada com isso, emquanto que o negociante dá cinco libras pelo cadaver de um adulto; as creanças paga-as mais barato; e em seguida a familia pode comer e beber á vontade durante uma semana. E' muito bem calculado, digo-lhe eu: muito bem calculado...

O dr. Parker não se pronunciou sobre aquella apreciação; calou-se por um momento e tornou:

— Pois bem meu amigo, quer conduzir-me esta noite á casa do negociante? Dez libras são para si se lá me acompanhar.

Travou-se um rapido combate na alma de Barneby, mas as dez libras eram demasiado tentadoras. Tanto mais quanto o desconhecido collocou immediatamente uma nota de duas libras em cima da mesa e disse, mostrando-a:

— Isto é por conta, se acceitar, naturalmente.

— Não creio que isso me leve aos trabalhos forçados, murmurou Barneby com os labios tremulos, emquanto lançava um olhar cubiçoso á nota. Não é um crime?

— Certamente que não e portanto não deve hesi-

(Cont. na pag. seguinte)

(1) Bandidos de Londres que se servem de saccos de areia para matar as suas victimas sem deixar vestigios de ferimentos no corpo.

MULHER

Quem fez, cantando, o corpo das mulheres
Foi, dos artistas, o de mais valor.
Deu-lhes os pomos que cultiva Céres
E, desses pomos, fez nascer o amor.

Toma das deusas o que não quizeres
E vae trilhando por onde ella fôr.
No fim da caminhada que fizeres
Terás saudade do seu corpo em flôr.

A mulher, mesmo feia na apparencia,
Tem na carne uma tal incandescencia
Que nos domina, nos deslumbra e mata.

Hei de cantál-a sempre e, na hora extrema,
Serão seus olhos meu melhor poema,
Serão seus beijos minha linda oblata!

HORACIO MENDES

tar em satisfazer o meu desejo porque, meu amigo, se recusar, outro o fará, tenho a certeza.

— Irei! gritou Barneby atirando-se como um animal feroz sobre a nota. Acceito, senhor, podemos partir.

— Está entendido, disse o dr. Gulliver Parker erguendo-se; agora, meu amigo, como se chama o homem que vende cadaveres?

Barneby lançou um olhar á porta para se assegurar que estava fechada, e em seguida disse confidencialmente ao ouvido do doutor Parker:

— Chama-se... Simon Rudge.

— Em que rua mora?

— Em nenhuma.

— E' impossivel, o homem ha de ter uma morada, por força.

— Tem uma, vêl-a-á. Venha, é este o melhor momento para falar a Simon Rudge. Mas previno-o, não se deixe ludibriar por elle: tem sempre mercadoria fresca no estabelecimento, tudo o que ha de melhor no genero, e não é o senhor o unico medico seu freguez. Simon Rudge fornece todos os de Londres, todos aquelles que desejam aprender alguma coisa nos cadaveres e ainda... outra gente, mas não se interessa decerto por esses cadaveres?

— De que quer falar?

— De... cadaveres de virgens, murmurou Barney ao ouvido do doutor.

— Partamos, disse este, não temos tempo a perder, conduza-me a casa de Simon Rudge.

— Vá adeante, tornou Barneby, os outros não precisam saber que vamos juntos. Não o farei esperar muito.

— Irá sem falta?

— Sem falta.

O sabio abotoou o casaco, pôz o chapéo alto e collocou cuidadosamente o guarda-chuva em baixo do braço.

Atravessou em seguida vagarosamente a casa onde bebiam, sem se preoccupar com os olhares curiosos dos malfeitores que se chegavam uns para os outros e falavam baixinho, naturalmente a seu respeito.

CAPITULO VII

EM CASA DO NEGOCIANTE DE CADAVERES

Barney cumpriu a sua palavra.

O sabio apenas percorrêra a rua uma vez quando o criminoso se lhe reuniu.

Tinha enterrado o chapéo rôto na cabeça e enrolára um velho cache-nez em volta do pescoço.

— Que caminho tomamos? perguntou o doutor.

— Não pergunte coisa alguma. Siga-me apenas. Vae achar-se num bairro onde certamente nunca entrou, mas não tenha receio, nada lhe succederá.

— Tambem o creio, tornou o sabio; na verdade, meu amigo, desconheço o medo.

Lutando com o furacão que cada vez soprava com mais violencia pelas ruas, seguiram a Bowroad, voltando depois para o bairro de Bomley. Atravessaram a via de "London-Tilbury-Railway" e foram andando junto ao canal de Limonhouse.

— Onde estamos agora? perguntou o doutor depois de ter caminhado durante tres quartos de hora. Se me não engano, sinto o ruido de agua e supponho que não devemos estar longe do Tamisa.

— Com effeito, assim é, tornou Barneby vê lá ao fundo a ponte?

— Perfeitamente, atravessaremos ahi talvez o rio?

— Não!

— Então Simon Rudge mora deste lado do rio?

— Não!

— Fala por enigmas, meu amigo; não é deste lado e não é do outro? Onde mora portanto o negociante de cadaveres?

— Vae ver immediatamente; por emquanto estamos na Ilha dos Cães. Chama-se assim esta parte de Londres que cerca o rio Tamisa em forma de lyra. Ali está a grande ponte de Greenwich, que atravessa o rio, e eis-nos... chegados!

Quando Barneby pronunciou estas palavras, achavam-se no meio da ponte. Debaixo delles ouvia-se o Tamisa cujas ondas escuras iam de encontro ás columnas da ponte, onde se despedaçavam projectando espumas brancacentas.

Barney inclinou-se sobre o parapeito, metteu dois dedos na bocca e soltou um assobio estridente.

Qual não foi o espanto do dr. Parker quando viu do vacuo surgir vagarosamente uma escada e ficar immovel, encostada ao parapeito.

— Previno-o, senhor, que não deve ter medo, disse Barneby ao seu sabio companheiro, mas trata-se agora de descer esta escada.

— Para onde?

— Para a morada de Simon Rudge, o negociante de cadaveres.

— Mas, em nome do céo, esse homem não póde morar no Tamisa, a não ser que seja um habitante do mar provido de uma cauda de peixe.

— Vê justamente por baixo de nós a columna de ferro da ponte, grande, enorme? E' óca por dentro e foi ahi que Simon Rudge arranjou residencia. E' ahi que tem o estabelecimento bem fornecido de cadaveres de ambos os sexos.

— Ah!... comprehendo agora. E' tudo quanto ha de mais interessante e agradeço-lhe Barneby, fazer-me conhecer essa extranha morada. Desçamos. O senhor na frente; eu seguil-o-ei. Sem responder, Barneby, saltou por cima do parapeito. Tocou logo com os pés nos degráos da escada e começou a descer vagarosamente.

O sabio tambem transpuzéra com muita destreza o parapeito, segurou a escada e desceu, apertando sempre solidamente debaixo do braço esquerdo o guarda-chuva.

— Com os diabos, o guarda-chuva estorva-o, disse Barneby; devia têl-o deixado lá em cima.

— Sinto muito, tornou Gulliver Parker, porém nunca me separo delle.

O criminoso estava já no fim da escada, a tres pollegadas da superficie d'agua. Segurando-se com a mão esquerda a um dos degráos, bateu tres vezes com a direita na columna de ferro.

— Abre, Simon Rudge, gritou elle, sou eu, Barney Crane.

— Só? perguntou do interior da columna uma voz fanhosa.

— Não trago uma visita, um freguez. Garanto-o, Simon Rudge!

— Então, entrem, tornou a mesma voz.

Ao mesmo tempo abriu-se uma porta na columna. Barneby entrou na mais extraordinaria habitação que se poderia imaginar.

O dr. Gulliver Parker não se fez rogado por muito tempo e desappareceu tambem pela sombria abertura, ouvindo atraz de si fechar a porta á chave.

Achava-se e incompleta escuridão.

Distinguiu apenas muito vagamente um homem baixo, curvado, um pouco contrafeito, mettido numa grande blusa como usam os medicos para as autopsias.

— Alumia-nos, Simon, gritou Barneby, quero apresentar-te o meu amigo. Quer mercadoria fresca e paga bem.

Um momento depois, o homem da blusa abria uma torneira e, com grande espanto de Gulliver, accendeu um bico de gaz.

— Maravilhosa organização sob o ponto de vista pratico, disse o dr. Parker num tom grotescamente admirativo; esta moradia subterranea; o meu amigo Simon é um homem pratico.

O amigo Simon era duma fealdade repulsiva: tinha o craneo completamente nú, os olhos encovados de um azul pardo, um nariz muito comprido e uma barbicha ruiva.

— Senhor doutor, tenha a bondade de entrar!

O dr. Parker estendeu a mão a Simon dizendo.

— Chamo-me Gulliver Parker e tenho ouvido falar muito a seu respeito. Queria comprar um cadaver para estudos scientificos.

— E quem me garante que não me trahirá?

— O meu interesse é tão grande como o seu em guardar segredo, pois tambem eu não devo deixar adivinhar de onde tiro os meus cadaveres; seria tão culpado como o senhor.

A resposta pareceu satisfazer Simon Rudge, que entrou immediatamente no assumpto.

— Precisa de um homem ou de uma mulher? perguntou elle. A edade? a figura? deve ter morrido de doença particular, ou...

— Preciso de um homem, retorquiu o dr. Parker, por emquanto; mais tarde veremos as mulheres. O que melhor me conviria, era alguem entre os vinte e cinco e os trinta e cinco annos e, sendo possivel, que não tivesse morrido de doença.

— Ah, deseja um afogado. E' pena!

Quando Simon Rudge articulou este "E' pena", sob as lunetas do sabio brilharam clarões.

— Não poderei obter agora o que quero? perguntou elle. Teve comtudo não ha muito esse genero no estabelecimento?

— Certamente, volveu Simon descontente, tinha um cadaver de homem, de cerca de trinta annos, alto, esbelto e que não tinha morrido de doença.

— Ah, ah, não morrera de doença...! repetiu o medico.

— Lançara-se ao Tamisa.

— Desgraçado, disse Gulliver num tom de profunda compaixão, o que o levaria a tão medonha decisão? Era provavelmente um homem de classe inferior, certamente um operario que achou a vida dura de mais?

— O que o homem fazia não sei, respondeu Simon mas o que é certo, é que era da alta roda.

— Conheceu-o pela roupa?

— Oh, não; o homem para fazer desapparecer a sua identidade, despira-se por completo antes de se suicidar. Via-se nas mãos brancas que mostravam claramente nunca haver feito trabalho grosseiro. Venha ver entretanto o que lhe posso offerecer, proseguiu Simon Rudge. Talvez encontre o que lhe con-

(Cont. na pag. seguinte)

venha entre o que tenho actualmente no estabelecimento.

Com um rapido movimento o vendedor de cadaveres correu uma cortina.

Era preciso evidentemente todo o sangue frio do dr. Guliver Parker para não recuar de horror ou não soltar um grito de susto á vista do quadro que se lhe offereceu.

CAPITULO VIII

O GUARDA-CHUVA DO DR. GULIVER

Num local com o dobro da largura do precedente jaziam illuminados pela luz vacillante de um bico de gaz, quatorze cadaveres, homens e mulheres, completamente nús mas cobertos com pannos grosseiros. Aquelles rostos de feições decompostas, cujos olhos apagados pareciam olhar fixamente, apresentavam um aspecto horrivel sob a luz tremula do gaz.

Para supportar semelhante espectaculo era preciso ter nervos particularmente solidos.

O dr. Guliver porem não pareceu commover-se.

Com um todo de agradavel surpresa avançou para o meio dos cadaveres e examinou-os.

— Cada um destes mortos, se podessem ainda falar, contaria um romance interessante, disse elle dirigindo-se a Simon Rudge.

— Os romances dos meus mortos não me interessam; o que lhes peço, é que estejam ainda em bom estado quando me chegam ás mãos. Esses malditos peixes do Tamisa, já me têm prejudicado bastante!

— Certamente, porque comem com gosto os cadaveres dos afogados.

— Veja esta mulher, a de cabellos pretos; e o homem ergueu um panno que cobria um corpo inerte; não lhe parece uma creatura soberba? Nem um defeito! Trouxeram-m'a esta manhã.

— Desejava, se me permittisse, disse Guliver ao vendedor de cadaveres, examinar de mais perto cada um dos corpos. Isto levará algum tempo e como não nos poderemos sentar aqui em logar perfeitamente secco, o nosso amigo Barneby irá buscar, para nos confortarmos, duas garrafas de vinho.

— Não se recusa, tornou Barneby; corro lá acima á taberna de Jimmy; dê-me com que as pague, doutor.

— Aqui tem, meu amigo, disse Guliver tirando da algibeira meio guinéo que entregou ao criminoso; tome e volte depressa.

Simon abriu a porta de ferro e Barneby Crane afastou-se satisfeito. Havia muito tempo, certamente, que não tinha uma noite que tão bem lhe corresse!

Simon conservou a porta aberta até Barneby ter chegado á ponte, depois fechou-a.

— Aproxime-se, caro amigo disse o doutor que tinha estado a examinar attentamente os cadaveres; diga-me, quanto me pede por esta mulher de cabellos pretos?

— Esta, replicou o negociante, acercando-se do corpo designado, vale quarenta libras.

— Sim, se não tivesse defeito, tornou o sabio, e nesse caso, meu caro amigo, pagar-lhe-ia gostosamente as quarenta libras, mas veja bem, esta mulher teve um cancro no peito, vê-se nitidamente, verifique o senhor mesmo.

— Não é verdade, gritou Simon Rudge inclinando-se sobre o cadaver, examinei-o detidamente quando m'o trouxeram esta manhã, e...

— Não te movas, patife, gritou-lhe uma voz ao ouvido, ou metto-te uma bala na cabeça.

E com um rapido movimento, o dr. Guliver segurou o pescoço do negociante de cadaveres e apertava-o com tanta força que o homem não podia soltar um grito, nem erguer-se, não obstante empregar para isso toda a sua força.

— Dá-me as mãos para as ligar, gritou-lhe o doutor, porque fica sabendo, bandido, ladrão de cadaveres, que é com Sherlock Holmes que tens que te haver.

— Sherlock! conseguiu dizer Simon, olá, Bob, acode, soccorro!

Nesse momento dois homens que estavam deitados debaixo dos cadaveres conservando completa immobilidade, puxaram os pannos e ergueram-se. Eram verdadeiros herculês.

— Ah! ah! não somos tão tolos, vociferou o negociante de cadaveres, que Sherlock tinha largado no primeiro momento de surpresa, somos sempre prudentes quando recebemos visitas. Atirem-se a elle, rapazes; se não ganharmos nada com isso, vender-lhe-emos ao menos o cadaver.

Rugindo de furor, os homens lançaram-se sobre Sherlock Holmes. Rapidamente, este recuara encostando-se á parede de ferro.

As facas brilhavam deante delle, os rostos selvagens e ferozes aproximavam-se do seu; neste momento porem Sherlock ergueu o chapeu de chuva. Resoou uma denotação e um dos aggressores cahiu morto, attingido na cabeça. Então Sherlock precipitou-se para a sahida para a interdizer aos miseraveis. De novo, o seu guarda-chuva fez fogo: não era senão uma excellente carabina, que exteriormente se diria um guarda-chuva, e Bob cahiu egualmente com uma bala no corpo.

— Entrega-te, ladrão de cadaveres! tornou Sherlock Holmes, ou metto-te uma bala na cabeça.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 28$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 116$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
B. Bourdet & Cia. 1, Rue Tronchet, Paris — 10, 11, 12, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

GUARAINA

e de dia para dia *maior e mais forte*

Os mingaus de Quaker Oats proporcionam á creança quasi todos os elementos necessarios para formar ossos e musculos, a dentadura e o sangue. Acceleram o desenvolvimento do cerebro e protegem a saude.

Este maravilhoso alimento — offerenda da Natureza — tem contribuido para desenvolver muitas gerações de creanças saudaveis. Não admira que seja recommendado pelos medicos e especialistas em dietetica em todo o mundo.

O Quaker Oats de Cozimento Rapido poupa tempo, trabalho e combustivel, podendo ser preparado em 2½ minutos.

5436

Coze em 2½ minutos — comquanto possa ser cozido mais tempo

SEM HYGIENE NÃO HA SAUDE

Esta formula deve ser observada por todas as senhoras. Não ha por onde fugir. E convem não esquecer que "ASTRÉA" é um antiseptico poderoso que não é caustico, não é venenoso, não mancha as mãos. E' um descongestionante dos tecidos inflammados e um optimo cicatrisante das ulceras do collo, em applicações "in loco". "ASTRÉA" é indicada tambem em banhos pequenos como preservativo, e nas affecções externas da pelle. Deliciosamente perfumada.

ASTREA

VIDRO, 8$000 — EM TODAS AS PHARMACIAS E PERFUMARIAS

A alegria do lar

A criança robusta e sã é sempre a alegria do lar—o orgulho da mãe intelligente que sabe cria-la. Para conservar essa alegria, essa saúde regorgitante, misture na mammadeira uma colherinha do verdadeiro Leite de Magnesia. Evita cólicas, mantem limpo o estomago, facilita e regulariza a digestão.

LEITE DE MAGNESIA
DE
Phillips

GENUINO
LEITE DE MAGNESIA
PHILLIPS

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo